

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

NATÁLIA CHATAGNIER CAVECHINI

DESVENDANDO A VELHICE  
UM ESTUDO ACERCA DO ENVELHECER NA SOCIEDADE ATUAL.

São Paulo  
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

NATÁLIA CHATAGNIER CAVECHINI

DESVENDANDO A VELHICE  
UM ESTUDO ACERCA DO ENVELHECER NA SOCIEDADE ATUAL.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como exigência parcial para a graduação no curso de psicologia, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Fabbrini.

São Paulo  
2009

## **Agradecimentos**

- À Ruth pelos bons exemplos, pela orientação clara e precisa, pela possibilidade de uma prática inovadora e apaixonante.
- À Regina pelas supervisões, pela paciência e pelo espaço deixado para que meu trabalho pudesse ter a minha cara.
- Aos amigos e amigas que me apoiaram, me alegraram e sempre tinham uma palavra de conforto para dar. Aos amigos e amigas que também passaram por esta experiência, que me acompanharam nesta longa e aparentemente interminável jornada, pela companhia e pela presença, mesmo muitos momentos ausente.
- Ao Bene e à Solange pelas inscrições que em mim deixaram, fazendo com que eu carregue um pouco de cada um deles em mim. Pela paciência, pelo companheirismo, por me agüentarem quando a irritação predominava. Pela possibilidade de estudar nesta faculdade e por acreditarem no meu valor.
- Ao Caio pelas críticas e pelos bons exemplos que sempre me deu, com exceção das tarefas domésticas.
- Ao Leo, pela paciência nos momentos mais difíceis, por me acolher e acreditar que eu faria um trabalho maravilhoso, e por conseguir transformar um beco sem saída numa paisagem das mais belas.
- À Neyde, principalmente, por me fazer compreender o velho e vislumbrar neste momento da vida projetos e atividades que ainda façam sentido. Por não desistir, por ser ela mesma, sem vergonha de rir, falar besteira e chorar quando dá vontade. Por ser essa minha avó que eu amo.

**Natália Chatagnier Cavechini**

**“Desvendando a velhice: um estudo acerca do envelhecer na sociedade atual”. 2009**

**Orientador: Regina Fabbrini**

### **Resumo**

O mundo passa, hoje, por uma radical transformação demográfica. O desenvolvimento tecnológico e científico, proporcionou um aumento na expectativa de vida da população, e com a diminuição da natalidade, assistimos a um processo de envelhecimento populacional que deve ser considerado e compreendido em sua peculiaridade. A velhice está em pauta, tanto pelas medidas já realizadas, quanto pelo que se espera de um velho socialmente. O objetivo do trabalho é refletir acerca do papel social ocupado pelo velho atualmente, e sua maneira de lidar com a sua própria velhice. Ao tentarmos definir a velhice, nos deparamos com uma série de tentativas que não respondem a uma visão única da velhice, mas sim com um destino singular a ser traçado por cada sujeito, que deve ser integrado na história de uma vida inteira. Para isso temos que entender, a que sujeito estamos nos referindo: sujeito da psicanálise, sujeito desejante, marcado por uma falta estrutural, pela castração, que vai determinar seu modo de se relacionar com os objetos que o cercam e com os seus semelhantes. Modo este que está pautado pela busca incessante de completude, um dia vivenciada na relação primeira com a mãe, mas que não encontra nunca uma satisfação. Ao longo do tempo, o sujeito tem que se haver com as marcas que os efeitos do tempo inscrevem em seu corpo, em seu psiquismo, em suas escolhas. Ele se depara com inúmeras mudanças físicas, psíquicas, sociais, que exigem um trabalho simbólico para serem elaboradas. A velhice escancara tudo aquilo que barra o acesso ao prazer sem limites, denuncia o real da castração, da finitude, da morte, que todos nós procuramos encobrir. Esta negação é vista na sociedade, que vende a ilusão da juventude eterna, que prega os valores da beleza, do novo, da velocidade, da utilidade, elementos todos que o velho está excluído mas procura, estereotipicamente, se inserir. Este trabalho pretende, a partir desta descrição compreender a realidade do velho na sociedade atual e, principalmente, como esta realidade se articula com a realidade do sujeito, com sua singularidade, sua história, sua maneira própria de lidar com os efeitos do tempo.

**Palavras – chave:** Psicanálise, Envelhecimento, Sociedade, Castração, limites.

## **Método**

Este trabalho foi realizado a partir de leituras de diversos autores que trabalham o tema do envelhecimento, do sujeito, da psicanálise e da sociedade. Além das leituras, também foram utilizadas observações realizadas em situações de estágio com a população idosa, participação em cursos, palestras e discussões ligadas ao tema. O trabalho é teórico e segue o referencial psicanalítico, especialmente a leitura de Jacques Lacan.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO NA ATUALIDADE .....</b>	<b>9</b>
<b>2 A VELHICE E SUAS TENTATIVAS DE DEFINIÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>3 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM PSICANÁLISE .....</b>	<b>18</b>
3.1 O sujeito em psicanálise .....	18
3.2 O Estádio do Espelho e a constituição do Eu .....	21
3.3 O Édipo e a falta. ....	23
3.4 Recalque originário, desejo e velhice. ....	28
<b>4 A VELHICE NO IMAGINÁRIO SOCIAL .....</b>	<b>31</b>
4.1 A velhice e o imperativo do novo.....	32
<b>5 A VELHICE E SEUS SIGNIFICANTES.....</b>	<b>38</b>
5.1 A aposentadoria e a inserção no mercado de trabalho.....	38
5.2 Imagem de corpo e a experiência do espelho quebrado .....	40
5.3 A sexualidade no cenário do prazer sem limites .....	44
5.4 A menopausa e os efeitos no psiquismo .....	47
<b>6 DISCUSSÃO .....</b>	<b>52</b>
6.1 Velho eu? De que velho estamos falando?.....	52
6.2 O envelhecimento feliz, saudável e os 10 mandamentos da “melhor idade” .....	54
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho surgiu a partir de um encantamento, de uma descoberta propiciada por um estágio do núcleo de saúde do quarto ano da Faculdade de Psicologia. Neste momento, tive contato com um grupo de senhoras de faixa etária superior a 60 anos de idade, devo dizer, na faixa dos 70 - 80, que me fizeram enxergar a velhice. Me fizeram ver que existem sujeitos ali, vivos, ativos, que carregam histórias, que pensam sobre elas, sobre o que foram, o que são e o que ainda podem ser.

Neste grupo, tínhamos o objetivo de refletir acerca do momento de vida de cada uma, proporcionando um espaço para que as histórias pudessem ser contadas e para que elas pudessem entrar em contato com suas questões pessoais, seus vínculos, conflitos, soluções e as relações que estabelecem consigo e com os outros. Podendo escutar e compartilhar as questões destas mulheres pude perceber que a velhice era muito mais do que vovós cozinhando biscoitos para seus netos, aposentados assistindo televisão, pessoas de cabelos brancos, rugas, andando de bengala e falando o tempo todo de como o passado era muito melhor do que os dias de hoje.

A partir deste trabalho comecei a refletir a respeito do lugar que estas pessoas ocupam na sociedade, que parece criar uma espécie de blindagem contra elas, contra o que elas significam, como se pudessem nos contaminar com a sua real proximidade com a morte, tirar-nos a juventude eterna, esta sensação ilusória da qual todos queremos compartilhar de que somos imortais.

É então neste sentido que procuro estruturar este trabalho, para pensar qual o lugar ocupado pelo velho na sociedade atual e de que maneira é possível envelhecer sem apagar com isso a história de uma vida inteira.

Utilizo de leituras e discussões proporcionadas por autores que trabalham o tema do envelhecimento, do sujeito, da sociedade. Além disso, são utilizadas observações de algumas situações vividas em estágios com a população idosa, e também questões suscitadas por palestras e cursos realizados sobre o tema.

No primeiro capítulo é feito um panorama geral do envelhecimento na atualidade. Alguns dados demográficos, características da população idosa e medidas e políticas públicas criadas para atender a esta população em especial.

Em seguida, uma tentativa de definição da velhice, utilizando de diversos autores que falam sobre o tema, numa busca sem resposta para a pergunta “o que é a velhice? Quando se fica velho?”. A partir desta discussão, conclui-se que a velhice se relaciona com um caminho singular percorrido por cada sujeito ao longo de sua vida.

Portanto, fez-se necessário um terceiro capítulo, que contempla a constituição do sujeito para a psicanálise, mais especificamente a leitura de Jacques Lacan. Neste capítulo, são percorridos os estágios de constituição pelos quais o sujeito se estrutura como ser desejante, da linguagem, da falta estrutural, que lhe lança em busca de uma completude que um dia vivenciou. A partir daí, coloca-se em questão a dimensão social do sujeito, que se inaugura a partir da falta, da entrada do terceiro na relação da criança com a mãe e da internalização da lei.

E para poder pensar o sujeito velho imerso na sociedade, é preciso definir que sociedade é essa. O quarto capítulo retrata então as características sociais e os discursos presentes em relação aos sujeitos e a um ideal a ser conquistado. Trata-se de uma sociedade que cultua o novo, a juventude, a agilidade, e que exclui o que não vai de encontro a este ideal, no caso, a velhice, que escancara a fragilidade, impotência, finitude e morte.

O capítulo seguinte trata dos significantes que geralmente são associados à velhice e ao velho, como aposentadoria, menopausa, ausência de sexualidade. Também a maneira como o sujeito vai enxergando sua imagem de corpo ao longo do tempo. Neste capítulo, se coloca a questão a respeito da singularidade, de como cada um destes significantes vão se inserir de maneira particular no psiquismo de cada sujeito. E também a importância de se fazer um trabalho de luto devido a estas transformações, de elaborar o que não foi elaborado, e poder se adaptar às novas limitações.

Na discussão apresentamos alguns exemplos observados em estágio com a população idosa para demonstrar a relação do discurso social com a maneira pela qual cada um vive seu processo de envelhecimento. Neste momento, se discute a exclusão do velho pela metáfora da venda, dizendo que a sociedade tapa os olhos diante da morte que amedronta e que a velhice escancara. Os sujeitos são vendados para que possam acompanhar o apagamento de sua singularidade, de sua história, para viver dentro do ideal estereotipado que a sociedade preza.

Assim, este trabalho busca “desvendar” a velhice, trazer à luz o sujeito que habita este estereótipo do velho feliz, saudável e ativo. Trazer à luz a discussão da velhice sob a ótica da psicanálise, que respeita e acolhe a singularidade, diferente da sociedade que exclui, nega, silencia.

## 1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO NA ATUALIDADE

A questão do envelhecimento é extremamente complexa e merece um amplo espaço de debate devido à sua conceituação e representação social. Porém, não existem muitos destes espaços consolidados para pensar esta questão, suas necessidades, especificidades, efeitos na sociedade e nos indivíduos que dela fazem parte. É dentro deste panorama que este estudo pretende se inserir, ampliando o debate acerca do envelhecimento, principalmente no que se refere ao sujeito e à sociedade da qual faz parte. Para isso, é preciso, em primeiro lugar, destacar a situação atual dos velhos na nossa sociedade, como será discutido abaixo.

Atualmente, a questão tem sido alvo de maior atenção devido aos números que se apresentam nas pesquisas realizadas, como os dados do Censo Demográfico que apontam para o envelhecimento da população brasileira. A expectativa de vida da população aumentou, bem como o número de idosos no país, o que tende a se manter em ritmo crescente. Segundo a Cartilha do Idoso (2006)<sup>1</sup>:

O Brasil está envelhecendo em ritmo acelerado e mais rápido que muitas nações européias. O país conta atualmente com 17,6 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade, representando 9,7% da população. Em 2020, a previsão é que serão 30,8 milhões de idosos, ou seja, 14,2% de todos os brasileiros.

Podemos encontrar dados semelhantes no Plano Municipal de Saúde da Prefeitura de São Paulo (2008-2009). O material diz que em São Paulo, a percentagem de idosos representa 10,7% da população do município como um todo em 2007 contra 9,3% em 2000. Dentro desta percentagem, as mulheres chegam em maior número às faixas etárias superiores aos 60 anos em comparação com os homens, confirmando tendências mundiais de maior longevidade feminina, influenciada por questões como a violência que atinge mais fortemente os homens. O Plano Municipal de Saúde vai além, mostrando que em 2007 se revela a transição demográfica, com a queda da mortalidade e o aumento da expectativa de vida, bem como o declínio da natalidade. Estes aspectos combinados produzem o

---

<sup>1</sup> Cartilha do Idoso: mitos e verdades sobre a velhice: guia de serviços. São Paulo, SMADS, 2006, p.7.

envelhecimento populacional, que, por sua vez, estabelece a proporção de pessoas idosas em relação ao total de jovens numa determinada população.

De acordo com estes dados, a visão que se faz do indivíduo idoso começa a mudar entre os setores públicos da sociedade, na medida em que a mudança no perfil populacional deverá provocar profundas transformações econômicas e sociais no país. O envelhecimento populacional promove, por exemplo, o aumento das doenças crônicas não transmissíveis no âmbito da saúde. Com relação aos aspectos econômicos, podemos observar a diminuição da produtividade nestas faixas etárias. Ai se pode observar a criação de diversas medidas que visam dar conta das necessidades desta população.

Um dos exemplos é o Estatuto do Idoso e a Cartilha do Idoso, ambos materiais que fornecem informações à população a respeito dos seus direitos como cidadãos. No Estatuto do idoso, podemos encontrar a idéia de garantia de direitos também ao indivíduo idoso, no artigo que diz que:

É obrigação do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade. (Cap. I, art. 9º).

Já na Cartilha do Idoso, é possível observar um esforço em desmistificar alguns preconceitos relacionados à velhice, informar a população a respeito dos serviços que pode utilizar e caracterizar a velhice como “uma fase da vida plena de possibilidades”, segundo o Secretário Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, Floriano Pessaro.

No outro material pesquisado, o Plano Municipal de Saúde de São Paulo (2008-2009), podemos perceber que há uma atenção específica aos idosos, tanto que esta área é assim incorporada ao projeto de atenção básica de saúde. Segundo o material, a Área Técnica de Saúde da Pessoa Idosa tem como propósito propor e planejar políticas públicas para o atendimento das necessidades de saúde da população idosa, residente na cidade de São Paulo. Tais ações têm por base o contínuo e intenso envelhecimento da população brasileira e paulistana e também os avanços políticos e técnicos no campo da gestão da saúde buscando a qualidade da atenção aos indivíduos idosos por meio de ações eficientes e eficazes, fundamentadas no princípio da promoção de saúde. Neste material ainda, encontra-se o Programa Acompanhante de Idosos que tem por objetivo atender ao idoso

sem família ou com vínculos precários, com dependência para as atividades da vida diária. Evita asilamento, reduz a internação e promove a reinserção social.

Tais medidas, bem como aquelas que garantem atendimento preferencial em estabelecimentos de serviços diversos, assentos preferenciais nos meios de transporte público, vagas preferenciais de estacionamento, o aumento de cursos, vagas de empregos informais, atividades e grupos terapêuticos para esta população, entre outros, configuram uma abertura da sociedade para dar ao velho um lugar, para garantir sua reinserção social.

Entretanto, também é possível observar aspectos negativos com relação ao envelhecimento na sociedade brasileira, sendo o velho considerado alguém improdutivo, que nada mais tem a contribuir para o funcionamento da sociedade (devido à perda do status de trabalhador), geralmente associado a tudo que remete à inutilidade e decrepitude. É um sujeito marginalizado, excluído, muitas vezes abandonado por seus familiares e pelo próprio Estado (é certo que as medidas e políticas públicas discutidas anteriormente têm um caráter inovador e de transformação, entretanto, como é muito recente, ainda não tem o poder de atingir a todos os que delas precisam com eficiência). Um exemplo deste tipo de postura é o direito que o idoso tem de receber aposentadoria, que por ter um valor muito baixo, não garante o sustento da pessoa e da família que muitas vezes depende dela. Ao mesmo tempo, o valor da aposentadoria não acompanha o aumento do salário mínimo ou da inflação. O que significa que, a cada ano, o valor real da aposentadoria diminui proporcionalmente.

Ao invés de representar um momento de tranquilidade, de conquistas e realizações de novos planos para o futuro, a aposentadoria no Brasil significa uma perda para o indivíduo que alcança uma idade avançada, tanto no que se refere ao poder de compra, das possibilidades de trabalho quanto ao lugar simbólico que ocupa no imaginário social e em sua auto-imagem.

Algumas propagandas a respeito da sexualidade dos idosos também vem sendo criadas, na intenção de conter o avanço da transmissão do vírus HIV entre as pessoas desta faixa etária, na medida em que se constatou que estes números estavam aumentando gradativamente. A partir disso, pode-se observar uma transformação na imagem que se faz do idoso, alguém que tem também o direito de manter uma vida sexualmente ativa, imagem

esta repudiada pela sociedade, como nos diz Mucida<sup>2</sup>, por remeter às reminiscências do Édipo, e portanto, à sexualidade dos pais que buscamos esconder.

Como pode ser visto, as mudanças políticas com relação a esta população têm sido efetuadas, na medida em que esta se torna uma questão de destaque. Mas para entender melhor este panorama, é preciso saber quem é o velho, o que é a velhice, que objeto de estudo é esse que provoca tantas divergências e faz com que sua pesquisa e o trabalho com ele se torne tão fragmentado, sem que haja uma integração entre as diversas áreas que se propõem a estudá-lo.

---

<sup>2</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p. 160.

## 2 A VELHICE E SUAS TENTATIVAS DE DEFINIÇÃO

Existem diversas tentativas de definição do envelhecimento e da velhice, geralmente que tratam de aspectos específicos, nem sempre particulares dos velhos.

Um dos exemplos é o do discurso médico. Como nos traz Mucida, o envelhecimento é caracterizado pelo processo que acompanha o organismo do nascimento até a morte. Desde que nascemos estamos envelhecendo e, portanto, não se pode falar de envelhecimento apenas nas idades mais avançadas. A velhice, por sua vez:

É um momento específico dentro deste processo marcado pelo agudizamento de diferentes reduções e modificação do funcionamento de diversas funções, bem como determinadas modificações celulares, não implicando, todavia, um acúmulo de doenças.<sup>3</sup>

Nesta perspectiva, a autora ainda nos conta da diferenciação feita pela gerontologia dos termos senescência e senilidade: “sendo o primeiro um processo fisiológico inelutável do organismo que acarreta modificações precisas, associadas a uma redução de todas as funções sem provocar doenças. A senilidade refere-se às patologias do envelhecimento”<sup>4</sup>. Os aspectos físicos são descritos como particulares deste momento, como por exemplo a perda e o branqueamento dos cabelos, perda das habilidades motoras, dificuldade de memória, aparecimento de rugas pela perda de elasticidade, que se referem à imagem e também modificações nos sistemas internos do corpo (respiratório, circulatório, ...). Com o avanço tecnológico que podemos assistir atualmente, é possível retardar o aparecimento de tais modificações, mas não há maneira de fazer com que elas não se inscrevam.

Outro referencial adotado para definir a velhice é o psicológico, que se restringe a descrever modificações no comportamento dos indivíduos associadas a esta etapa da vida. Podemos citar enrijecimento do pensamento, resistência à mudança, regressão a comportamentos infantis. Entretanto, como já observara Freud (1937) tais aspectos podiam ser observados em jovens, não sendo, portanto, relativos à faixa etária, mas ao indivíduo.

---

<sup>3</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p. 23.

<sup>4</sup> Ibidem.

Uma outra maneira adotada para definir a velhice é a partir do referencial social, que por sua vez caracteriza o velho por sua idade e direitos perante a sociedade, como a aquisição da aposentadoria. Entretanto, estes aspectos não definem a velhice. Em primeiro lugar, como nos traz Mucida “Dizer que alguém é ‘aposentado’ apenas busca igualar sob a mesma denominação os grupos de pessoas que viveram um período determinado de tempo cronológico em sua relação com o trabalho”<sup>5</sup>.

Em seguida nos colocamos a pensar a respeito da idade cronológica como critério de definição da velhice, tal como é adotado pelos órgãos públicos, e que pessoas acima de 60 anos são consideradas idosas e tem direitos especiais em diversos serviços públicos, como transporte, saúde, entre outros.

Messy (1999) traz algumas contribuições a respeito destes aspectos. Para ele, é muito difícil caracterizar a velhice fora do repertório social, pois somos sempre o velho em relação a alguém mais novo. Como diz:

...olhando um pouco mais de perto, o lugar de velho, que evito, é ocupado por mim, apesar de mim, no olhar de outros mais jovens, assim, para meu irmão caçula fiquei velho quando minha idade chegou ao dobro da dele, assim como para meus filhos, segundo a fala familiar, eu sou o “velho”.<sup>6</sup>

Ele também pontua que a velhice aparece em determinadas categorias profissionais independente da idade dos indivíduos, como por exemplo os atletas e as modelos, que são considerados velhos muito antes de atingirem a idade dos 60 anos.

O autor também aponta para a dificuldade de definir a velhice, ou o momento em que se fica velho, atentando para o fato de que a velhice é sentida como algo externo ao indivíduo, algo com o qual o sujeito se depara e sente estranheza, o velho é sempre o outro, no qual não nos reconhecemos. Voltaremos mais à frente a essa questão.

---

<sup>5</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p. 29.

<sup>6</sup> MESSY, Jack. *A Pessoa Idosa não existe*. Aleph. 2ª Edição. São Paulo, 1999. p 14.

De acordo com Goldfarb (1997) “A velhice é um constante e sempre inacabado processo de subjetivação. Não existe um ‘ser velho’, mas um ‘ser envelhecendo’”<sup>7</sup>. Na mesma direção, Messy (1999) cita Maud Mannoni quando ela escreve que

A velhice não tem nada a ver com a idade cronológica. É um estado de espírito. Há velhos de vinte anos, como há jovens de oitenta. Trata-se de uma questão de generosidade de sentimentos, mas também de uma maneira de conservar em si suficiente cumplicidade com a criança que fomos.<sup>8</sup>

Messy (1999) destaca algumas hipóteses para a definição da velhice. Uma delas é a de que o envelhecimento constitui-se de diversas perdas e desinvestimentos objetivos, bem como de aquisições (investimentos objetivos). Desta forma, a velhice, delimitando algumas perdas de laços com o Outro, impõe o luto dos objetos perdidos e a criação de novas vestimentas para o desejo a partir das trilhas, dos traços marcados por cada sujeito. Outra hipótese é a de que a velhice seria uma “ruptura brutal de equilíbrio entre perdas e aquisições”. Mucida (2006) discute a idéia deste autor dizendo que tal conceito de velhice é apenas visto negativamente, mesmo que não o seja a idade cronológica; para ele, pode-se chegar à idade avançada sem passar pela velhice.

A autora também discute a idéia destes autores quando dizem mais de um “sentimento de velhice” do que da velhice em si mesma. Como Messy mesmo nos diz “Podemos ser velhos, nos vemos velhos, sem nos sentirmos jamais como velhos”. Mucida (2006) aponta para o fato de que, para esses autores, a entrada na velhice implicaria a ruptura com o desejo. Se não se deseja mais, então se torna velho.

Entretanto, discordando desta idéia, a autora nos põe a pensar na velhice de uma outra maneira, não determinando a morte do desejo, mas impondo ao sujeito os efeitos do tempo que passa. Segundo ela:

Não compactuamos que se possa passar pela vida sem passar pela velhice, e ela não implica por si mesma a morte do desejo. Ao mesmo tempo, as

---

<sup>7</sup> GOLDFARB, Delia Catullo. *Corpo, tempo e envelhecimento*. Tese de Mestrado – Faculdade de Psicologia. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997, p.

<sup>8</sup> MANNONI, Maud *apud* MESSY, Jack. *A Pessoa Idosa não existe*. Aleph. 2ª Edição. São Paulo, 1999. p 14.

possibilidades de resposta não são as mesmas aos 20 e aos 90 anos. Se a idade cronológica, a aposentadoria, as marcas corporais, as doenças são demasiadamente imprecisas para se definir a velhice, não se pode, por outro lado, desconhecer que o tempo impõe seus efeitos. Faz-se necessário conceituar a velhice a partir de um enlaçamento particular do real, imaginário e simbólico. Não é possível passar pela vida desconhecendo o real das perdas que a velhice acarreta – incluindo a relação do sujeito com o imaginário -, o trabalho de luto e a exigência de tratamento desse real pelo simbólico.<sup>9</sup>

Mucida traz com isso conceitos da teoria lacaniana para compreender a questão, apontando para o caráter indestrutível do desejo “que não tem idade, não tem a idade de nossos vasos sanguíneos ou nossos órgãos”<sup>10</sup>. Nessa direção, ela diz que a velhice implica um saber vestir esse desejo.

A partir destas considerações, é importante ressaltar também a idéia de Messy, de que a velhice é inerente à condição humana, já que desde que nascemos estamos envelhecendo, e deve, portanto, ser integrada à história de uma vida inteira. Segundo ele, envelhecemos como vivemos a nossa vida inteira; na velhice colhemos os frutos que plantamos ao longo do nosso desenvolvimento. Nesse sentido, Messy defende a tese de que a designação “pessoa idosa” não deve ser utilizada, por apagar o sujeito e sua história pessoal. “A pessoa idosa vira um habitante da velhice, correspondendo a uma categoria definida segundo critérios sociais específicos”<sup>11</sup>.

Mucida compartilha desta idéia, e, trazendo à luz os pensamentos de Freud e Lacan, tece algumas teses em relação à velhice, dizendo “Cada um envelhece apenas de seu próprio modo, e não existe uma velhice natural, mesmo que exista um corpo que envelhece e uma pessoa que se torna mais idosa”. Para ela, a velhice é um destino singular a ser traçado por cada sujeito, que se relaciona com a maneira que o indivíduo lida com as limitações da castração que nesta época ficam tão, e ainda mais, claras e evidentes.

Sendo assim, para entender de que maneira cada sujeito vai vivenciar este momento, de que maneira os efeitos do tempo se inscrevem em cada um, o que é pensar na velhice como um saber vestir o desejo, que estranhamento é esse que o sujeito se encontra com

---

<sup>9</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p. 31.

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> MESSY, Jack. *A Pessoa Idosa não existe*. Aleph. 2ª Edição. São Paulo, 1999. p 25.

relação à sua própria imagem refletida no espelho, é necessário compreender como se dá, para a psicanálise, a constituição do sujeito e seus principais conceitos.

### 3 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM PSICANÁLISE

A idéia de que a velhice, entendida, portanto, como um destino singular a ser traçado por cada sujeito e integrado na história de uma vida inteira, envolve a noção de que somos únicos, tanto na maneira de nos relacionarmos com os outros e com o mundo, como com nossas próprias questões, dentre elas os efeitos do tempo sobre nosso corpo e a castração e os limites que esta nos impõe.

Para compreender estas questões, e a maneira como cada um vai vivenciar e elaborar as situações que se depara na velhice, é importante resgatar a construção desta trajetória individual, que não é apenas um momento, mas o processo necessário para a existência do que a psicanálise, mais especificamente o pensamento de Lacan, entende como sujeito, sujeito da linguagem, sujeito desejante, marcado pela falta, pela incompletude, pela busca incessante de satisfação.

#### 3.1 O sujeito em psicanálise

Toda atividade do homem, supõe a entrada na ordem humana, ordem do símbolo, daquilo que é coletivo, compartilhado, próprio da cultura. Porém, quando o indivíduo nasce, não está dada a sua inserção nesta ordem. Esta inserção se caracteriza através das interações do indivíduo com seus cuidadores, que vão interpretando suas necessidades e inserindo-o na linguagem. Desta maneira, podemos dizer que o saber necessário para tornar-se um adulto de sua espécie é transmitido e não inato.

Neste ponto, é importante ressaltar que a noção de sujeito para a psicanálise se refere a uma função psíquica e não à pessoa em si, ao indivíduo e/ou suas atribuições físicas. Esta função é constituída a partir dos investimentos e identificações que o indivíduo, desde criança, vai fazendo com o seu entorno. Segundo Fink, na relação da criança com o Outro<sup>12</sup>, é preciso que ela se assujeite a este Outro para que possa advir como um sujeito da linguagem. Esta seria a diferença dos processos psicóticos, onde não existiria

---

<sup>12</sup> Outro – termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente – que determina o sujeito. É o lugar daquilo que fala dele, que baliza sua relação com o desejo e com os semelhantes.

o assujeitamento ao Outro como linguagem, e portanto, não podemos falar em sujeito nestes casos.

Voltando ao processo de constituição do sujeito, Lacan entende que o esquema mental não é um dado natural, ou seja, a estrutura psíquica não amadurece naturalmente com o desenvolvimento orgânico. Como o próprio nome já diz, estrutura diz respeito a algo que pode ou não ser estabelecido, e não a uma série de etapas que vão sendo conquistadas ao longo do tempo. Para ele, o esquema mental é antecipado para o bebê por um Outro, antes mesmo da expressão de sua capacidade motora.

Mesmo antes do nascimento, muitas expectativas e concepções vão sendo construídas sobre o bebê (ex: nome, roupas, brinquedos, etc) e ele já ocupa um lugar antecipado no discurso parental. A gestação em si é um investimento narcísico dos pais para recuperar sua imagem na infância.

Quando o bebê nasce, há um investimento dos pais para que essas marcas, estas expectativas construídas por eles se enganchem na criança. Podemos caracterizar o bebê como um caos e uma deficiência instintiva e não há um saber organizado que permita lê-lo nitidamente. Para tanto, é preciso de um outro para que o bebê possa se transformar num corpo organizado que responde socialmente. Nesta função geralmente encontramos as mães, que vêem no seu bebê o que não está ali no real do corpo dele. Neste momento podemos pensar que os bebês quando nascem não tem uma fisionomia definida, parecendo-se muitas vezes com o que se diz popularmente “cara de joelho”. Entretanto, suas figuras parentais geralmente vêem muito mais do que isso, “olha o meu machão aí”, “minha linda vai ser bailarina com essas pernas”, “tem o nariz do papai”, “os olhos da mamãe”, e etc... Estes olhares para o bebê, que vão além do real de seu corpo, são os saberes que vão construindo seu mundo, organizando-o.

Da mesma forma, as manifestações do bebê são interpretadas pela mãe que oferece uma resposta àquilo que ela supõe ser a necessidade do seu filho naquele momento. É o que Winnicott trata de “preocupação materna primária”, quando as mães conseguem ver no choro de seu filho um gesto de comunicação. Identificam-se com seus bebês “o que lhes possibilita ir ao encontro das necessidades básicas do recém nascido, de uma forma que nenhuma máquina pode imitar, e que não pode ser ensinada”<sup>13</sup>. A isso se relaciona o fato de que cada um

---

<sup>13</sup> WINNICOTT, Donald W. *Os bebês e suas mães*. Ed. Martins Fontes. 2ª Edição. São Paulo, 1999, p.30.

cuida de um outro resgatando as marcas psíquicas deixadas em si, por um outro, no momento em que foi cuidado.

A combinação da necessidade com aquilo que está sendo oferecido para a criança é importante para ir construindo marcas em seu psiquismo. Portanto, quando um bebê chora e sua mãe lhe oferece o peito, foi feita uma interpretação, foi dado um nome para a sensação que o bebê vivenciava.

Com a sucessão de presenças e ausências dessa mãe, extremamente necessária para a constituição do psiquismo, é possível que ele antecipe o que está por vir pela marca do que aconteceu, marca que uma vez já foi investida nele. Por exemplo um bebê que chora e sua mãe lhe responde de longe “calma, mamãe já vai”. A voz tem a função de acalmar o bebê, pois atende a uma parte de sua necessidade. Mais tarde, o bebê vai poder brincar com a voz, se ela foi uma marca para ele, para antecipar a ação, com balbúcio por exemplo. O sujeito passa então da insuficiência para a antecipação. Estas marcas recebidas através do Outro vão inscrevendo no bebê o campo da representação, campo simbólico, que será muito importante para o sujeito.

Neste processo então, falamos de um corpo, o do bebê, que é preciso ser visto não como real, mas como função fálica<sup>14</sup>, dando-lhe potência, valor. Corpo este que não é ordenado só pelo organismo, pelas suas necessidades fisiológicas, mas que é especular<sup>15</sup>, tem um olhar que investe e lhe dá potência. Mais tarde, a criança será capaz de reconhecer, ela mesma, seu próprio corpo, corpo marcado pelos investimentos das figuras parentais. Poderá conquistar uma imagem unificada de corpo, imagem que é inicialmente vivenciada pelo bebê como fragmentada. A este processo, Lacan denominou O Estádio do Espelho.

---

<sup>14</sup> Como *função fálica* entendemos o lugar ocupado pelo bebê na vida da mãe que preenche sua falta estrutural. Como se o bebê pudesse devolver à mãe esta completude que ela um dia vivenciou com a própria mãe, sendo objeto de desejo de alguém, sendo o suposto objeto que lhe falta, lhe completa.

<sup>15</sup> O termo *especular* vem da teoria de Jacques Lacan quando ele utiliza a metáfora do espelho para representar o lugar do olhar do outro sobre o sujeito, lugar do desejo do outro. Olhar este que nos constitui e que buscamos corresponder ao longo da vida.

### 3.2 O Estádio do Espelho e a constituição do Eu

O Estádio do Espelho se caracteriza por esta conquista que a criança faz da imagem de seu próprio corpo, através de uma experiência de identificação fundamental. Sobre isso, Dor nos conta:

A identificação primordial da criança com esta imagem irá promover a estruturação do “Eu”, terminando com essa vivência psíquica singular que Lacan designa como *fantasma do corpo esfacelado*. De fato, antes do estágio do espelho, a criança não experimenta inicialmente seu corpo como uma totalidade unificada, mas como alguma coisa dispersa.<sup>16</sup>

Esta vivência de fragmentação, como ele conta, é angustiante, e a experiência do espelho vem para neutralizar esta dispersão angustiante.

O autor prossegue dizendo que a experiência da criança na fase do espelho se organiza em três tempos, que tem por alcance final, a conquista da imagem de seu corpo. Num primeiro momento, diz ele:

Tudo se passa como se a criança percebesse a imagem de seu corpo como a de um ser real de quem ela procura se aproximar ou apreender. Em outras palavras, este primeiro tempo da experiência testemunha em favor de uma *confusão primeira entre si e o outro*, confusão amplamente confirmada pela reação estereotipada que a criança tem com seus semelhantes, e que atesta, sem equívoco, que é sobretudo no outro que ela se vivencia e se orienta no início.<sup>17</sup>

Segundo Lacan, esta dinâmica de comportamento da criança capturada pela imagem humana domina o período dos seis meses a dois anos e meio de vida. Posteriormente, a criança descobre que o outro no espelho é uma imagem, e não alguém real. Segundo Dor, é uma etapa decisiva no processo identificatório. Num terceiro momento, a criança não só é capaz de reconhecer que no espelho há uma imagem, como essa imagem é a dela.

---

<sup>16</sup> DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Ed. Artes Médicas. 3ª Edição. Porto Alegre, 1989, p.79.

<sup>17</sup> *Ibidem*.

## Segundo Dor:

Re-conhecendo-se através desta imagem, a criança recupera assim a dispersão do corpo esfacelado numa totalidade unificada, que é a representação do corpo próprio. A imagem do corpo é, portanto, estruturante para a identidade do sujeito, que através dela realiza assim sua *identificação primordial*.<sup>18</sup>

Desta forma, a experiência de reconhecimento de seu próprio corpo através do espelho, se caracteriza por uma mudança estrutural que se opera na criança e na relação dela com o outro e consigo mesma. Como vimos inicialmente, é a mãe que vai primeiro inscrevendo as marcas no corpo deste bebê, organizando um saber sobre ele, dando-lhe contornos, sentidos. Sendo assim, o espelho é a metáfora dos olhos da mãe. A criança sintetiza na imagem aquilo que é da ordem do desejo do outro, como o outro me vê. Adentra, portanto, na ordem do simbólico, da representação, do desejo do outro

Neste momento então, o sujeito se aliena a este saber organizado sobre ele por um outro, se assujeita a este Outro. Falamos aqui de uma identificação primária, que corresponde ao eu ideal da criança. O ser narcísico se aliena naquilo que os outros esperam dele. Aliena-se da sua condição pulsional, de seu ser, em papéis que lhe são atribuídos. Responde a uma solicitação e se identifica com a forma com que o outro o qualifica. Neste processo, se inicia o ser que pensa, pensamento este que dá conta de uma relação com o outro de resposta ao que o outro espera que por outro lado exclui os aspectos originais da experiência individual.

É neste sentido que a superação da alienação vai significar o sujeito recorrer à sua experiência, passando, como já havíamos dito, da insuficiência (com relação ao controle do corpo) à antecipação (que aponta para as marcas de experiências já inscritas psiquicamente). Esta constituição do narcisismo, passando pela fase do auto-erotismo introduz a formação do eu ideal.

A constituição narcísica propicia ao bebê não ficar parado pela sua insuficiência, é um jeito de tamponar a falta, ou seja, lidar com a realidade que se impõe e que não lhe

---

<sup>18</sup> Ibidem, p.80.

concede a satisfação plena que um dia existiu, na sua relação indiferenciada e simbiótica com a mãe.

Segundo Mucida:

O narcisismo funda-se na introdução de uma imagem – um eu ideal – e uma falta. Há dois tipos de narcisismo: um relativo à imagem corporal, que permite dar certo domínio do corpo; e outro advindo da identificação ao outro, sob o domínio de uma alienação fundamental pela qual o eu e o outro se misturam. O narcisismo traçará também, na concepção de Lacan, a matriz fundamental pela qual o sujeito escolherá seus objetos...<sup>19</sup>

Desta maneira, introduzimos outro momento da constituição psíquica, envolvendo a noção de falta, que será a engrenagem para o sujeito, mais tarde, seguir em busca da realização de seu desejo, em busca de uma completude ilusória, mas um dia vivenciada na relação mãe-bebê.

### 3.3 O Édipo e a falta.

Para Lacan, a questão do Édipo está intimamente ligada à da castração, da inserção de um terceiro na relação dual entre mãe e bebê, implicando numa falta simbólica. Desta forma, o que está em jogo é a maneira com que o sujeito vai lidar com esta falta, de que maneira vai se posicionar na relação com os outros e consigo mesmo.

Portanto, retomemos a saída da criança do Estádio do Espelho, onde já há o reconhecimento de sua imagem corporal. Neste momento, como nos conta Dor, podemos falar que há um esboço de sujeito, sem desconsiderar a relação de indistinção quase fusional que existe com a mãe. Segundo ele:

Esta relação fusional é suscitada pela posição particular que a criança mantém junto com a mãe, buscando *identificar-se* com o que *supõe ser o objeto de seu desejo*. Esta identificação, pela qual o desejo da criança se

---

<sup>19</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p. 107.

faz desejo do desejo da mãe, é amplamente facilitada, e até induzida, pela relação de imediação da criança com a mãe, a começar pelos primeiros cuidados e satisfação das necessidades.<sup>20</sup>

Sendo assim, a proximidade da relação mãe-bebê, envolvendo todas as trocas já descritas anteriormente, coloca a criança na posição de se fazer objeto do que supostamente falta à mãe e, como nos conta Dor, “este objeto suscetível de preencher a falta do outro é, exatamente, o falo<sup>21,22</sup>”.

Desta maneira, no primeiro tempo do Édipo, Lacan observa que o desejo da criança permanece assujeitado ao desejo da mãe. A questão que atravessa a relação é “ser ou não ser o falo” para conseguir ser objeto de desejo da mãe. Esta oscilação, já pressupõe a dialética da castração, da falta, de não ocupar um lugar central no desejo desta mãe.

Começamos a falar então, de um outro momento na constituição do sujeito, o da separação, quando o sujeito se descola do lugar, do saber constituído sobre ele, do que é esperado dele, para construir um saber próprio. Esta construção não supõe a desconstrução das marcas e do saber inscrito pelo outro em nós, mas nos coloca em outro lugar.

Neste momento, a imagem especular, vinda do outro constitui-se por uma falta, a mãe deve suportar não ter todo o saber, para que a criança possa advir como sujeito particular, criativo. À mãe também falta, estabelece-se um campo de inconsistência, de dúvidas, que vai dar lugar ao saber da criança.

Sobre este momento, Fink nos conta:

Na separação, o sujeito tenta preencher a falta do Outro materno – demonstrado pelas várias manifestações de seu desejo por algo mais – com sua própria falta a ser, seu *self* ou ser ainda não existente. O sujeito tenta desenterrar, explorar, alinhar e conjugar essas duas faltas, buscando os limites precisos da falta do Outro a fim de preenchê-la com seu *self*. A criança compreende o que é indecifrável no discurso dos pais. (...) As crianças estão preocupadas em assegurar um lugar (para si mesmas), tentar ser o objeto do desejo de seus pais – em ocupar aquele “espaço” entre as linhas, onde o desejo mostra sua face, as palavras sendo usadas na

<sup>20</sup> DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Ed. Artes Médicas. 3ª Edição. Porto Alegre, 1989, p.81.

<sup>21</sup> *Falo* – o falo, no sentido simbólico é o significante da falta, e no sentido imaginário é aquilo que tomaria o lugar da falta.

<sup>22</sup> *Ibidem*.

tentativa de expressar o desejo, e mesmo assim sempre fracassando em fazê-lo adequadamente.”<sup>23</sup>

Assim, o autor nos coloca que é possível traduzir este momento com as expressões “O desejo do homem é o desejo do Outro”, em outras palavras, “o homem aprende a desejar como um outro, como se ele fosse alguma outra pessoa”<sup>24</sup>. Como se os desejos da mãe e da criança se equivalessem por completo. Entretanto, o autor aponta para o fato de que é raro que isso aconteça, que a criança seja o único interesse da mãe, o que nos direciona para um outro momento do Édipo, quando da introdução de um terceiro termo na relação mãe-criança.

Sobre isso, Dor aponta para o fato de que a criança é necessariamente introduzida no registro da castração pela intrusão da dimensão paterna. E completa que esta interdição é vivida de maneiras diferentes pela mãe e pela criança. Na primeira, a intrusão é sentida como privação (falta real de um objeto simbólico), priva a mãe do objeto fálico de seu desejo. Para a criança, por outro lado, a introdução paterna é sentida como frustração (falta imaginária de um objeto real, no caso, a mãe enquanto objeto de necessidade da criança). A criança neste momento precisa renunciar a ser objeto de desejo da mãe.

Com a entrada deste terceiro elemento na relação, a criança é forçada a encontrar e se confrontar com a lei do pai, “na medida em que descobre que a própria mãe depende dela ao nível da satisfação que pode proporcionar às demandas da criança”<sup>25</sup>. Nesta direção, o autor prossegue mostrando que existe uma lei que rege o desejo do sujeito, que vai além da posição de ser ou não ser o falo da mãe. Nesta medida, a questão que se coloca, é que o pai carrega em si um objeto que se pode ter ou não ter, em função de que depende o desejo da mãe. Sendo assim, Dor cita Lacan:

Na ligação estreita deste remeter da mãe a uma lei que não é a sua, com o fato de que o objeto de seu desejo é possuído “soberanamente” por esse mesmo “outro” à lei do qual ela remete, temos a chave da relação do Édipo e do que constitui o caráter tão essencial, tão decisivo dessa relação

---

<sup>23</sup> FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1998, p.76 e 77.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 77.

<sup>25</sup> DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Ed. Artes Médicas. 3ª Edição. Porto Alegre, 1989, p.85.

da mãe, tal como lhes peço para isolar como relação não ao pai, mas à palavra do pai. (...)

Com sua presença privadora, ele é aquele que sustenta a lei, e isto se faz não mais de uma forma velada, mas de uma forma mediada pela mãe, que é a que o coloca como aquele que lhe dita a lei.<sup>26</sup>

Desta maneira, o papel que é atribuído ao pai, como quem lhe dita a lei, faz a criança investir neste pai uma nova significação, a de que ele é detentor do falo, suposto que detém o objeto do desejo da mãe. Ele ocupa então o lugar de pai simbólico, e ganha um nome, um significante primordial que estruturaria de outro modo o universo simbólico da criança. A este significante, Lacan deu o nome de Nome-do-Pai.

Segundo Fink, a ordem simbólica tem a função de neutralizar o real<sup>27</sup>, transformando-o em uma realidade social. Esta função paterna chega na relação para barrar o acesso indiscriminado de busca de prazer da criança com a mãe, fazendo-a buscar o prazer em formas mais aceitáveis. Aproximando-se de Freud, a ordem simbólica se relacionaria com o “princípio de realidade, que não nega por completo os objetivos do princípio do prazer mas os canaliza para caminhos socialmente estabelecidos”<sup>28</sup>.

Na mesma direção, Dor nos fala que:

A instância do Pai simbólico é antes de mais nada a referência à Lei da proibição do incesto, a qual é, portanto, prevalente sobre todas as regras concretas que legalizam as relações e trocas entre os sujeitos de uma mesma comunidade.<sup>29</sup>

Ou seja, o Pai entra na relação dual mãe-filho para transmitir uma Lei referente à cultura, às relações sociais a que estamos todos submetidos. Na medida em que a criança internaliza esta Lei, que proíbe a satisfação plena com a mãe, instaura-se o Superego, que

<sup>26</sup> LACAN, J. *apud* DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Ed. Artes Médicas. 3ª Edição. Porto Alegre, 1989, p.86.

<sup>27</sup> *Real, Simbólico e Imaginário* – são termos utilizados por Lacan que se interligam e são indissociáveis na estruturação psíquica do sujeito. O Real se relaciona com aquilo que não pode ser simbolizado, os restos intraduzíveis das experiências. O simbólico diz respeito ao campo da representação, pela introdução de significantes. O imaginário se relaciona com a representação dual com um semelhante, o lugar do eu por excelência.

<sup>28</sup> FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1998, p.79.

<sup>29</sup> DOR, Joel. *O Pai e sua função simbólica em psicanálise*. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1991, p.16.

dita para ela tudo aquilo que não se deve fazer. Ao mesmo tempo, de outro lado, há a instalação do Ideal de Eu, que diz respeito às prescrições, a tudo aquilo que se deve fazer para poder ser amado pelo outro. Desta maneira, o Ideal de eu acompanhará o indivíduo em suas relações futuras com o outro, dizendo respeito a uma interação que aconteceu no passado.

É essencial que este terceiro termo seja introduzido na relação mãe-criança e a partir deste momento, a criança tem que se haver com as questões de não ser o falo da mãe e também não tê-lo. Então Dor nos convida a pensar no terceiro tempo do Édipo, justamente quando a criança vai poder negociar a problemática do ter: “... a mãe que não tem o falo pode desejá-lo naquele que o detém: a criança, igualmente desprovida, poderá também cobiçá-lo lá onde ele se encontra”<sup>30</sup>.

Inicia-se então a dinâmica das identificações, na qual a criança se inscreverá, de acordo com o sexo, diferentemente nesta lógica. Como explicita Dor:

O menino, que renuncia a ser o falo materno, engaja-se na dialética do ter identificando-se com o pai que supostamente tem o falo. A menina pode igualmente subtrair-se à posição de objeto do desejo da mãe e deparar-se com a dialética do ter sob a forma do não ter. Ela encontra, assim, uma identificação possível na mãe: “ela sabe onde está, ela sabe onde deve ir buscá-lo, do lado do pai, junto àquele que o tem”<sup>31</sup>.

O Édipo como pode ser visto, instaura no indivíduo uma série de momentos estruturantes, que vão definir, mais tarde, o tipo de relação que o sujeito estabelecerá com o outro. Como uma relação intersubjetiva, é um momento de descobertas, da incompletude, da ordem simbólica, da alteridade. Momento este que instaura o que Lacan denomina de sujeito desejante, na medida em que lhe falta alguma coisa, se movimenta em busca de uma completude, que é ilusória, jamais esgotando as tentativas do sujeito em busca dessa satisfação plena.

---

<sup>30</sup> DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Ed. Artes Médicas. 3ª Edição. Porto Alegre, 1989, p.88.

<sup>31</sup> Ibidem.

### 3.4 Recalque originário, desejo e velhice.

Como vimos até então, o processo que se estabelece é de uma passagem de um egocentrismo, para a inauguração da alteridade, da lei enquanto condição de permanecer na relação. Quanto a isso, retornamos à dialética do final do Édipo, quando do pai ser o suposto detentor do falo.

Este posicionamento do falo em seu devido lugar é essencial para estruturar a criança, aceitando que o pai, que supostamente tem o falo, tem preferência junto à mãe. Esta preferência, como nos conta o autor, atesta a instalação da metáfora paterna, da introdução da lei e do recalque originário, mecanismo que irá assegurar a passagem do real imediatamente vivido à sua simbolização na linguagem.

O mecanismo do recalque originário e da metáfora paterna então, exigem que o desejo seja mediado pela linguagem. Entretanto, ao se fazer palavra, precisa desdobrar-se numa demanda, o que faz com que se perca mais uma vez no discurso. Dor nos diz:

De um objeto a outro, o desejo remete sempre a uma sequência indefinida de substitutos e, ao mesmo tempo, a uma sequência indefinida de *significantes*<sup>32</sup> que simbolizam estes objetos substitutivos, persistindo assim em designar, à revelia do sujeito, seu desejo original.<sup>33</sup>

O desejo nesta medida, permanece sempre insatisfeito, pela necessidade que teve de se fazer linguagem. É aí que se instaura a divisão do sujeito como entende Lacan, sujeito barrado de uma parte de si mesmo, fazendo advir o inconsciente.

Retomando todo o processo, temos portanto, que a metáfora do Nome-do-Pai vem testemunhar a atualização da castração, a impossibilidade de compor um todo perfeito (com a mãe). Ao mesmo tempo em que atesta uma falta, um deslocamento de um lugar, a castração insere o sujeito na ordem simbólica e lhe confere o status de sujeito desejante.

---

<sup>32</sup> *significante* – refere-se ao termo usado por Lacan para designar o elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica.

<sup>33</sup> DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Ed. Artes Médicas. 3ª Edição. Porto Alegre, 1989, p.94.

Uma vez castrado, uma vez incompleto, o sujeito é lançado na busca incessante de realização, de completude, que necessariamente atravessa a relação dele com o outro.

Nesta medida, interessa-nos compreender de que maneira cada um lida com esta falta, com essa impossibilidade de satisfação plena, e de que maneira cada indivíduo articula as marcas inscritas psiquicamente por suas figuras parentais com o seu jeito singular de investir nos objetos. Interessa-nos compreender como esta simbolização do real imediatamente vivido e que não pode ser capturado por completo, opera nos indivíduos, cada um a sua maneira. Como os efeitos do tempo vão sendo simbolizados e as frustrações sublimadas<sup>34</sup>, encontrando outras vias de satisfação, por cada sujeito.

Se pensarmos na questão da velhice como uma trajetória singular a ser traçada por cada sujeito e integrada na história de uma vida inteira, não podemos desconsiderar as questões postuladas até então a respeito da constituição do sujeito, na medida em que elas nos ajudam a compreender em que lugar o sujeito se coloca diante da falta. Como se relaciona com seu desejo e com os limites e impossibilidades de realização.

Voltando à Mucida, ela nos conta que é a partir do eu ideal (imagem reconhecida no espelho) que o sujeito faz o percurso de outras identificações a um Ideal de eu, quando o Outro em seu caráter de diferente, apresenta-se como matriz de identificação. O ideal de eu, portanto, “marca o ponto pelo qual o sujeito se verá como visto pelo Outro, um ponto no qual ele poderá receber o amor do outro”.<sup>35</sup>

Retomando a resolução do Complexo de Édipo, podemos pensar o momento de internalização da regra, da lei (que vem do pai) instaurando este Ideal de Eu, na medida em que ele dita aquilo que é preciso ser feito para receber o amor tão esperado do outro, que um dia teve plenamente com a mãe.

Neste sentido, a presença do outro, mesmo enquanto presença imaginária, faz-se fundamental. E se entendemos que o discurso da sociedade e o imaginário social também são constituintes deste sujeito, não podemos deixar de inclui-los neste estudo. Isso porque

---

<sup>34</sup> *Sublimação* – segundo Freud é um dos quatro destinos da pulsão que busca satisfação. Esses destinos seriam traçados com a tese de que o corpo não pode suportar toda pressão pulsional em busca de satisfação; há que se interpor uma barra a essa empreitada. Na sublimação há uma mudança de objeto e do objetivo pulsional, originalmente ligadas às pulsões. Aquilo que originalmente ligava-se ao sexual perderá esta marca e servirá à construção da civilização.

<sup>35</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p. 107.

este Ideal de Eu que será perseguido pelo sujeito, no sentido de buscar o Outro que lhe complete, lhe dê contornos, satisfação, está permeado pelo contexto social vigente.

Desta maneira, é importante podermos entender qual o discurso social vigente; de que maneira os sujeitos, principalmente os velhos, estão sendo vistos na atualidade, que lugar ocupam, o que representam, pois tais discursos, mesmo não ditos, têm efeitos sobre o indivíduo, como poderemos ver mais adiante.

#### 4 A VELHICE NO IMAGINÁRIO SOCIAL

Para podermos entender as questões que se colocam até então, a respeito do imaginário social da velhice, é importante retomarmos a discussão que vem sendo feita. Como já foi dito, a velhice deve ser entendida como um destino singular a ser traçado por cada sujeito e integrado na história de uma vida inteira. Ao mesmo tempo, consideramos que todo ser humano é também ser social, inserido na linguagem, na cultura, e portanto numa rede de significações.

Podemos resgatar a idéia contida no último capítulo a respeito do Complexo de Édipo, quando da entrada de um terceiro termo na relação mãe-bebê, no caso, o pai. Este momento, e o processo que se segue após esta entrada, configuram uma perda para a criança (de sua relação fusional com a mãe), mas ao mesmo tempo sua entrada no campo do simbólico, na ordem da alteridade. Ou seja, a função paterna barra o acesso indiscriminado de prazer com a mãe, mas lança o sujeito na busca de prazer em formas socialmente aceitáveis. Desta maneira, internalizando a lei, que vem do pai, a criança é inserida na ordem da cultura, e assim busca identificar-se e interagir com os objetos que ali também se inserem.

Mucida nos traz à tona a dimensão do simbólico no tratamento do real, ou seja, entende o real como aquilo que escapa, que não tem tradução, simbolização; e o simbólico como o campo que vai nomeando as experiências através dos significantes, mas há sempre algo intraduzível. Nesta medida, ela nos conta “A estrutura simbólica inaugura diferentes formas de escrever a vida conforme o lugar que cada significante ocupará na cadeia e a maneira como os significantes se combinam entre si em relação ao objeto em causa na fantasia.”<sup>36</sup>

Como já vimos, somos sujeitos na medida em que inseridos na linguagem, e assim somos efeito dos discursos que nos permeiam. Falamos aqui desde o discurso da mãe que antecipa as necessidades do bebê, do pai que lhe dita a lei, e do social que também impõe um olhar e seus valores sobre o sujeito.

Neste contexto os valores sociais existentes, assim como o olhar da mãe sobre o sujeito, também são significantes, e sendo assim só tomam sentido pela forma como se inscrevem na cadeia discursiva de cada sujeito. Nesta direção, a velhice, a menopausa, a

---

<sup>36</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p.62.

aposentadoria, a terceira idade, são significantes, que como tal terão sentidos particulares e se engancharão de maneiras peculiares na relação do sujeito com o objeto. No próximo capítulo iremos abordar estes aspectos.

Agora iremos examinar os efeitos dos discursos sociais em relação ao sujeito, mais especificamente aos velhos e o lugar que ocupam na sociedade atual. Que lugar é esse? O que podemos entender a partir dele?

#### **4.1 A velhice e o imperativo do novo**

Vivemos atualmente num mundo governado pela ciência e pelo capitalismo. A globalização trouxe, nas últimas décadas uma nova maneira de enxergar os objetos e as situações. Esta maneira está centrada no modelo americano “American Way of Life”, do neoliberalismo econômico, que por sua vez se caracteriza pelo discurso da liberdade: mercado “livre”, “livre” circulação de homens, mercadorias e idéias.

Entretanto, o que se pode observar, e é por isso que colocam-se aspas na palavra livre, é que existe um grande controle, um monopólio de todos estes elementos citados acima. Na economia, há o predomínio de grandes cartéis que controlam o mercado; e com relação aos homens e às idéias, há uma ideologia dominante que determina o que é certo comprar, ser e fazer em determinados momentos da história e situações da vida. Desta forma, já se pode perceber uma anulação da singularidade em função de uma unidade universal.

Vivemos numa sociedade na qual o valor está concentrado na questão do ter e, segundo Mucida:

Como efeitos da globalização, pode-se mencionar o predomínio de uma sociedade de massa com acento na produção e no poder, aumento da competição, das taxas de desemprego e do subdesenvolvimento para os países pobres, violência, declínio dos ideais, da tradição, predomínio do individualismo (...), do consumo exacerbado de objetos.<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p.71.

A partir destes elementos, a autora segue discutindo as características através das quais os sujeitos se relacionam com o objeto nesta sociedade, de uma forma superficial, transitória, que visa escamotear a incompletude do Outro. Na mesma linha, ela coloca em discussão a busca inalcançável pelo objeto de satisfação, que como vimos surge a partir de uma falta estrutural, portanto não existe a priori. A este objeto, Lacan deu o nome de objeto a, e por Freud objeto da pulsão<sup>38</sup>.

Segundo ela, na contemporaneidade esta relação entre o sujeito e este objeto de satisfação inatingível ocupa um lugar de completude ilusória, ou seja, os objetos à venda no mercado nos dão a ilusão de satisfação real, como se pudéssemos apagar a nossa falta e as inscrições deixadas pelo real do tempo. Como diz:

Na contemporaneidade, esse objeto da pulsão, inalcançável, transveste-se de diferentes objetos que, mascarando a inexistência de um objeto adequado ao desejo, vendem a ilusão de que o objeto do desejo existe sob a forma dos objetos produzidos pelo mercado.<sup>39</sup>

O consumo exacerbado na nossa sociedade responde a esta demanda do sujeito em conquistar o objeto de seu desejo, mesmo que não saiba qual é. Ao mesmo tempo, se evidencia que o que está em jogo na nossa sociedade é o imperativo do novo, mas não do novo criativo, que movimenta, faz refletir, se integra numa história, e sim um novo esvaziado de sentido, como nos conta Mucida:

Um novo da repetição interminável, sem tréguas, mesmo torneado por novas vestimentas. Um novo do excesso, sem um ponto de basta pelo qual o passado poderia ser reinscrito e reatualizado. Um novo, portanto, sem memória.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> *objeto a e objeto da pulsão* – caracterizam-se pela relação com o desejo, com a falta, com aquilo que supostamente preencheria o sujeito na sua ilusão de completude, objeto este que movimenta o sujeito em busca de satisfação, mas que é sempre inatingível.

<sup>39</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p.74.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p.82.

Dentro deste panorama, o sujeito e sua singularidade perdem a vez, e dão lugar a tudo aquilo que permite a satisfação ilimitada, o prazer sem barreiras, a juventude, a beleza, que nega as marcas do tempo, a finitude a que estamos determinados.

Então, contrariar estes princípios da modernidade significam a exclusão do sujeito de uma posição de pertencimento social, ou seja, tudo aquilo que vai contra os imperativos do novo, da juventude, do prazer sem limites, é colocado de fora, excluído, como que para não ser visto, e então poder ser negado.

Por outro lado, se a relação do sujeito com os objetos nesta sociedade é realizada de maneira tão obsoleta, ou seja, vazia de sentido, como vimos anteriormente, quando o alto consumo dos objetos flagra uma relação transitória, onde nada permanece importante por muito tempo, envelhecer também torna-se obsoleto. Sobre isso Mucida nos conta:

Se, para algumas culturas, e em outras formas de organização social, o suposto saber da experiência era um traço identificatório para o idoso, demarcando certo lugar social, hoje o suposto saber encontra-se fora dele: nas faces diversas e irreconhecíveis do Outro, que dita as regras de *envelhecer bem* ou, de modo geral, de não envelhecer.<sup>41</sup>

Assim, a velhice ocupa este lugar, de não ter um lugar, por trazer à tona aquilo que faz limite ao prazer absoluto, “ela se escancara como a imagem marcada pelo tempo na qual o insuportável de se ver reaparece: o limite da castração”.<sup>42</sup>

Para não lidar com aquilo que amedronta, a sociedade exclui seus velhos, os coloca numa posição de submissão e de isolamento. No mundo atual, as histórias não têm valor e os limites reais que o tempo inscreve no corpo do velho o colocam diante de um conflito no qual está em jogo a sua singularidade.

Nesta direção, Mucida aponta para três maneiras de inserção do velho na sociedade atual : “Na primeira estão os segregados pelo corpo social, pela não produção de bens e pela impossibilidade de se inserirem no mercado”<sup>43</sup>. Segundo ela, são os aposentados, expressão que caracteriza a relação com os objetos no imperativo do novo, marcada pela rotatividade das trocas no tempo. Aposentam-se da produção e também dos laços sociais e do

---

<sup>41</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p.81.

<sup>42</sup> Ibidem, p.85.

<sup>43</sup> Ibidem, p.85.

investimento nos objetos. Neste grupo, diz a autora, a marca da morte está inscrita constantemente no rumo da vida, e os sujeitos podem ou não estar asilados.

Uma segunda maneira é aquela na qual os velhos se inserem no mercado, participando de clubes, clínicas, grupos da maioridade. Nestes grupos, ela diz, busca-se uma unidade para manter o fio identificatório entre os sujeitos, que acaba por anular a diferença existente entre cada um. Entretanto, tais grupos tem um papel social onde muitos idosos encontram uma maneira de fazer laço social.

Por último, ela fala dos velhos que continuam inseridos no mercado como consumidores de bens. Alienam-se ao modelo ditado pela globalização e, portanto, buscam apagar as marcas do tempo através do consumo dos bens oferecidos no mercado.

Neste caso, observamos os idosos identificados com o modelo de envelhecer bem, ou melhor, não envelhecer, presente na sociedade. Submetem-se, portanto aos milagres da ciência, da estética, da cirurgia plástica, na busca de uma imagem imutável. Esta busca, por outro lado, elimina a história, o sujeito e sua particularidade, o velho enquanto sujeito possível de integrar o presente na história de uma vida inteira; entrega-o à morte, ao isolamento, e para não olhar para este destino certo, a ilusão da juventude eterna parece ser o caminho.

Na apresentação do livro de Ana Fraiman, Affonso Heleno de Oliveira Fausto, toca na questão desta busca pela juventude a partir de seu próprio relacionamento com a esposa. Quando ela lhe pergunta se pode fazer uma plástica, se está precisando, ele reflete sobre a questão com um olhar diferenciado do corpo da esposa e do seu próprio. Ele escreve:

Aí me dei conta de que não éramos mais crianças, tínhamos atingido, juntos, a temida meia-idade, com muitos anos de alegrias e angústias, partilhando as surpresas da vida. Voltei a pergunta “Por que plástica? Por causa de uma discretíssima, imperceptível e sedutora barriguinha...? Lembra-se de quando engravidou pela primeira vez, da emoção que nos invadiu ao percebermos uma vida tão querida ir tomando forma, ocupando espaço, se delineando, chutando, pedindo para nos conhecer, para ser amada? Pois é, começou ai...

E da segunda vez, daquela menininha que nos deu tanta alegria após a dor da perda, dias antes, de um ente querido? Pois são essas imperceptíveis estrias que estão nos fazendo recordar todas essas coisas, e, então, por que eliminá-las? Elas, as estrias e as gordurinhas, contam a história de nossas vidas, das vidas que geramos e que hão, se Deus permitir, de gerar outras vidas e chorar as nossas, quando partirmos. Seu corpo, assim como está, é o meu, o nosso diário, que começamos a

escrever na própria pele, quando nos conhecemos. Seu sorriso, agora, traduz compreensão, amizade e indisfarçável cumplicidade. Afinal, nos amamos, nos entendemos e, principalmente nos conhecemos. O busto? Ora, é de mulher, é lindo. Alimentou, deu vida e, garanto, foi desejado pelos nossos filhos tanto quanto por mim, embora por motivos diferentes... agora ele é só meu, descanso terno de minha cabeça grisalha. A plástica pode fazer, mas com ela apagaremos a história de nossas vidas. Cujas memória, então, só teremos no coração.<sup>44</sup>

Neste relato, podemos perceber a existência desta idéia de não envelhecer, de busca de um corpo sem marcas, jovem, que revela uma certa posição em relação à ideologia dominante, uma posição de buscar um lugar, uma inserção, talvez pelo medo de envelhecer. Por outro lado, o marido resgata a idéia de que as marcas do tempo constituem marcas de uma história, que deve ser levada em conta, que são singulares, fazem parte de uma história maior, da relação de um casal, e dos rumos que foram tomando ao longo da vida. A plástica, para ela poderia significar um retorno a uma imagem ideal de corpo, enquanto que para ele, apagaria a história de uma vida vivida.

Retornamos ao ideal social esperado de cada sujeito, que vai na direção de um apagamento da história e da singularidade, em função de um envelhecimento saudável, que mais se aproxime da ilusão da juventude eterna e a imutabilidade, aspectos que, como sabemos, são puramente imaginários.

Presenciamos um velho sem lugar, que se identifica com esta imagem negativa de velhice associada à inutilidade, feiúra, assexualidade, que só é valorizado se pratica muitos esportes, faz sexo regularmente, frequenta bailes, clubes, grupos para a chamada “melhor idade”. O sujeito não pode nem decidir mais qual considera a melhor idade de sua vida. Nesta direção, se antes a visão que tínhamos do velho era de isolamento, de incapacidade, hoje temos o velho-novo, ativo, jovem, que busca não envelhecer.

É certo que, com a velhice, o sujeito tem que se deparar com uma série de questões que antes não se colocavam, sendo uma delas o seu valor social negativo. Por outro lado, o real do tempo impõe limites ao sujeito que envelhece. O corpo perde sua agilidade e a fragilidade escancara uma nova maneira de se relacionar com o mundo. Os planos e sonhos a serem realizados têm uma dimensão menor do que quando pensados na juventude; o

---

<sup>44</sup> Fraiman, Ana Perwin (1994) *Sexo e Afeto na terceira idade*. Ed. Gente. São Paulo, 1994.

retorno ao passado muitas vezes é a via mais utilizada para dar-lhes um lugar dentro de um ideal.

É importante podermos pensar sobre algumas destas questões específicas que advém com o envelhecimento, e de que maneira os sujeitos são afetados por elas, como por exemplo, aposentadoria, menopausa, sexualidade, corpo. Evidente que, como representam significantes, tais aspectos terão uma inserção singular na vida de cada sujeito, podendo ser vistos como positivos, negativos, ou ter um outro olhar sobre eles.

## **5 A VELHICE E SEUS SIGNIFICANTES**

Apesar de entender a velhice como um momento peculiar na história da vida de um sujeito, podemos considerar que existem alguns aspectos particulares desta fase da vida. A idade avançada traz transformações reais tanto no corpo físico do sujeito, como em sua maneira de lidar com o mundo, os planos, as perdas, etc... Alguns aspectos como aposentadoria, menopausa, imagem de corpo, sexualidade, têm efeitos mais evidentes nos mais velhos, e são atravessados também pelo discurso social.

Neste capítulo, procuraremos fazer um apanhado geral de alguns destes aspectos que têm efeitos sobre os velhos, mais especificamente, bem como apontar algumas maneiras de se lidar com estes significantes, já que entendemos que cada um destes aspectos se enganchará em cada sujeito de maneira bastante peculiar.

### **5.1 A aposentadoria e a inserção no mercado de trabalho**

O trabalho é um elemento constituinte da subjetividade, pelo qual o sujeito se reconhece tanto como tendo um lugar social, como pela sua atividade, a possibilidade de realização de um ideal. Podemos perceber este lugar de importância do trabalho na medida em que quando perguntamos a alguém “O que você é?” ou “O que faz da vida?” a resposta sempre vem acoplada à colocação profissional “Sou psicólogo”, “Faço engenharia”, dentre outros.

Podemos então entender o trabalho como uma escolha realizada pelo sujeito e a partir da qual segue na busca de realização de um ideal, de um ideal de eu, de atividade que escolheu para realizar, e esta atividade que poderá proporcionar outras conquistas e realizações em outros âmbitos da subjetividade, como por exemplo familiar, interpessoal, social, etc...

A escolha profissional acontece, geralmente, muito cedo na vida das pessoas. Ainda adolescente, os sujeitos se deparam com uma exigência social já cristalizada, de decidirem o que farão, o que serão profissionalmente para o resto de suas vidas. Também por isso, por esta carga de ter que escolher algo para o futuro, a profissão torna-se um elemento de

grande importância para o sujeito. Por outro lado, existem aqueles que têm o trabalho não tanto como uma opção na vida, mas como necessidade, e muitas vezes bem antes da adolescência, já estão inseridos neste circuito.

É através do trabalho também, que, na nossa sociedade, podemos obter dinheiro para usufruir daquilo que o mercado tem para oferecer, e para garantir o sustento com aquilo que necessitamos cotidianamente.

O trabalho também tem o caráter de dar ao sujeito um lugar social, a noção de pertencimento, fazer parte de um grupo, criar laços afetivos com outros sujeitos e com o mundo externo, dá a noção de utilidade, atividade, movimento. O trabalho pode inclusive funcionar como atividade sublimatória, através da qual o sujeito lida com as insatisfações, frustrações, angústias a que está submetido ao relacionar-se.

Diante destas considerações acerca do trabalho, nos colocamos a pensar a respeito dos sujeitos que não mais se inserem nesta cadeia, não ocupam mais este lugar de pertencimento social, atividade, produtividade que o mercado atualmente exige. Os velhos, que, aposentam-se pela idade ou tempo de serviço, não fazem mais parte do grupo produtivo da sociedade, aquele privilegiado pelo fato de que produz aquilo que mais importa ao mercado: capital e bens materiais.

Os aposentados, muitas vezes se aposentam também de sua condição de sujeitos sociais, no sentido de construir relações, investir e criar laços com o outro. Nestes casos, o isolamento pode causar depressão, e um movimento de autocentrismo, no sentido de valorizar os sinais corporais, as doenças e aquilo que aparece como sinal de vida. O corpo torna-se único objeto de investimento libidinal.

Por outro lado, podemos encontrar os sujeitos que vêm na aposentadoria um momento de tranquilidade, de finalização de um processo produtivo que foi semeado ao longo dos anos e pode ter os frutos colhidos com a aposentadoria. O maior tempo livre, nestes casos, significa não uma longa espera pela morte, mas uma oportunidade para realizar outros planos, atividades que antes não tinha.

Segundo pesquisa realizada pelo Datafolha, 54% dos idosos recebem um mínimo de aposentadoria, sendo que 92% deles tem o benefício oferecido pela previdência pública. Entretanto, tais valores, na maioria das vezes, não são suficientes para garantir o sustento do idoso, que tem que contar com uma rede de familiares e amigos para complementar o

orçamento. De outro lado, está o fato de que muitos idosos, mesmo aposentados, têm que continuar trabalhando, como é o caso de Benedito, 81 anos, taxista, que conta que “trabalha porque precisa, e pretende continuar até quando tiver condições”.<sup>45</sup>

Desta maneira, podemos perceber que o momento da aposentadoria se insere de maneiras diferentes na vida de cada sujeito, assim como todos os outros significantes. Da mesma forma, é possível perceber o atravessamento da política pública na aposentadoria, na medida em que muitos velhos não podem depender apenas do salário da aposentadoria para sobreviver. Portanto, a aposentadoria consiste em um acontecimento simultaneamente subjetivo, político e social.

## 5.2 Imagem de corpo e a experiência do espelho quebrado

Como já vimos anteriormente, o sujeito se constitui a partir de um Outro, a partir de um saber constituído a seu respeito que o antecipa, olhar que vem das figuras parentais. Num primeiro momento, há uma indiferenciação do sujeito com sua mãe, que, gradualmente, vai encontrando seu final por conta do reconhecimento que o sujeito faz de si mesmo, podendo definir-se como sujeito separado.

A imagem de corpo, que primeiro é única com o corpo da mãe, vai tomando uma forma separada e é, como vimos, no estágio do espelho que o bebê conquista uma imagem de seu próprio corpo, dando fim a uma idéia fragmentada, dispersa do mesmo. É através desta imagem do espelho que o sujeito se vê como o outro o vê, como esperam dele, entra no jogo das identificações que vão marcar sua relação com o mundo posteriormente.

Mucida nos conta que “o corpo, para a psicanálise, é o encontro entre a imagem, os significantes que o nomeiam e o real, aquilo que escapa a toda nomeação possível e está aí dado, presente, mas carente de representações”<sup>46</sup>. Este real impõe seus efeitos sobre o sujeito sem poder ser traduzido, simbolizado e assim fazer sentido dentro da cadeia significante do sujeito. Desta maneira, é importante poder trabalhar as marcas e os limites que o real nos impõe, dando-lhes sentido. A imagem que temos de nós mesmos, e também de nosso

---

<sup>45</sup> Jornal Folha de São Paulo. 15 de Março de 2009. Caderno Especial: Maioridade, p 2.

<sup>46</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p.106

corpo, imagem esta conquistada no estádio do espelho e mais para frente no narcisismo, é marcada, o tempo todo, pelo real, pelas suas marcas sem tradução.

Quando na adolescência, o sujeito se depara com bruscas transformações em seu corpo que precisam ser elaboradas, é preciso fazer um trabalho de luto do que se foi e não é mais. Os garotos crescem no chamado estirão, nascem os pêlos da barba, dos órgãos genitais, as meninas têm seu corpo delineado como de mulheres, com seios, cintura e quadril formados. Não são mais corpos de crianças e sim de homens e mulheres, embora ainda com pouca idade para o serem efetivamente. Entretanto, junto com o trabalho de luto, existem na adolescência perspectivas de futuro a serem cumpridas, um percurso a ser percorrido por este corpo.

De outro lado, na velhice, as transformações ocorridas no corpo e em sua imagem não vislumbram nenhuma perspectiva de futuro, restando apenas o trabalho de luto a ser feito diante destas mudanças. Já na meia-idade, algumas mudanças corporais se anunciam e se acentuam na velhice. É o caso dos cabelos brancos, início das rugas, falta de elasticidade da pele, perda do vigor físico, entre outras. Tais mudanças revelam ao sujeito que seu corpo não é mais o mesmo, principalmente no que se refere à beleza e juventude. A imagem na velhice carrega uma desvalorização cultural, bem como a impossibilidade de novas aquisições, caracterizando-se apenas pelas perdas.

Muitos velhos sentem este momento com profunda estranheza e angústia, pelo fato de não se reconhecerem na imagem que o espelho lhes apresenta. Jack Messy fala desta experiência com o nome de “espelho quebrado”, na medida em que “a imagem da velhice parece uma imagem “fora”, no espelho, imagem que nos apanha quando é antecipada e produz uma impressão de inquietante estranheza”<sup>47</sup>. Aquilo que o sujeito vê no espelho não é reconhecido como sendo ele mesmo, e o autor retoma então sua tese de que o velho é sempre o outro no qual não nos reconhecemos.

O autor prossegue nesta reflexão retomando a primeira experiência do espelho, na qual a criança conquista uma imagem totalizante de si mesma, seu corpo adquire uma unidade e a imagem se refere a um ideal. No “espelho quebrado”, entretanto, a experiência pode tomar uma direção de anunciar uma imagem não de totalidade, ao contrário, de um

---

<sup>47</sup> MESSY, Jack. *A Pessoa Idosa não existe*. Aleph. 2ª Edição. São Paulo, 1999. p 14.

retorno ao corpo esfacelado. A imagem não estaria na direção de um ideal, mas na quebra dele.

Nesta experiência de retorno ao espelho, mas ao espelho quebrado, é possível observar diferentes reações do sujeito a este momento, como por exemplo, muita agressividade com relação a esta imagem que se odeia numa tentativa de matar este outro que se apresenta no espelho. Por outro lado, para outros este momento pode não ser sentido de maneira tão angustiante, como nos conta Mucida:

Muitos sujeitos não vivenciam essa modificação da imagem como perda dolorosa ou porque estão atrelados a outra imagem interna de si mesmo – mais importante e forte do que aquela oferecida pela imagem corporal ou pelo espelho-, ou porque conseguiram fazer um trabalho de luto eficiente.<sup>48</sup>

Lasnik também aponta para esta outra maneira do sujeito se relacionar com o não reconhecimento de sua imagem no espelho, que lhe anuncia uma imagem não ideal. Ao invés de ver seu corpo como sendo investido libidinalmente, na crise da meia idade, uma mulher, por exemplo, só pode se ver no espelho como faltante, com sempre alguma coisa que capenga nessa imagem. E acrescenta o valor do Outro na reconstrução deste olhar que investe libidiniza:

O que lhe permite ver sua imagem corporal falcizada – quer dizer, investida libidinalmente – é o olhar-voz do Outro ou daquele que aceita ocupar seu lugar: o marido Apaixonado ou o Amante. (...) A imagem especular presentifica também a relação com o semelhante. Podemos ver, configurado, que não são os pequenos outros, as outras mulheres que podem assegurar uma mulher de sua imagem”.<sup>49</sup>

Assim, entre os semelhantes, a relação, diz ela, se resume a ver na outra mulher os estragos de sua própria imagem. Enquanto que um parceiro apaixonado pode lhe devolver a

---

<sup>48</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p.110.

<sup>49</sup> LASNIK, Marie-Christine. *O Complexo de Jocasta: feminilidade e sexualidade sob o prisma da menopausa*. Companhia de Freud. Rio de Janeiro, 2003. P.109.

segurança de que sua imagem é perfeitamente aceitável, que ela pode agradar este Outro que o parceiro vem encarnar.

Voltemos, entretanto, na questão das perdas irreparáveis deste momento da vida. Na velhice, como já dissemos, as marcas deixadas no corpo não encontram nenhuma reparação, nenhuma possibilidade de novas aquisições, fazendo-se extremamente necessário um trabalho de luto do que se foi. As perdas reveladas com a idade são perdas com as quais o sujeito deverá se conformar e se adaptar.

Entretanto, Mucida nos aponta para a dificuldade de se realizar este luto na cultura do imperativo do novo, que já discutimos no capítulo anterior. Nesta cultura, não é possível envelhecer e as marcas de um corpo vivido são alvo de extinção, ou seja, é preciso extinguir tais marcas, como se assim houvesse maneira de extinguir também a certeza da morte.

Nesta direção a autora nos coloca a pensar na relação da desvalorização desta imagem da velhice com o contexto histórico da longevidade na sociedade. Assim, entende que, antes uma pessoa era considerada velha aos 40, 50 anos, ninguém vivia mais do que isso. Atualmente, com os avanços da tecnologia, da medicina, da ciência, é possível viver muito mais e ao mesmo tempo a sociedade se depara com corpos marcados pela decrepitude do tempo que antes não via. Hoje é preciso suportar a exposição de um corpo que se modifica contrariamente aos esforços da indústria da estética, da farmácia, etc. Como já falamos, a cultura do novo impõe barreiras a tudo aquilo que faz falar a castração, e sendo assim, o corpo marcado pelo tempo mostra exatamente os limites e a finitude a qual estamos determinados, por isso as marcas têm que ser apagadas a qualquer custo.

Outro ponto a ser destacado é a maneira como a velhice é vista no cenário médico. Há um corpo que se modifica, mas há, acima de tudo, um corpo doente, que através de sua decrepitude mostra o que não pode e o que não quer ser visto. O corpo doente é vasculhado em sua intimidade na busca de transparência, na busca de uma solução para os efeitos do real sobre o sujeito. Nesta busca incessante de uma resposta orgânica para as questões que se fazem, o sujeito se perde, torna-se órgãos, membros, partes de seu corpo.

O corpo libidinizado e eroginizado pelo outro desde sua constituição como sujeito, como tratamos no capítulo 3, torna-se único destino da libido. Impossibilitado de fazer laço

com o mundo externo e de se reconhecer e lidar com as marcas do real, o sujeito se volta para o corpo, para as doenças, que se tornam únicas fontes de investimento.

No outro extremo dos corpos doentes, vemos os corpos sadios e belos, passando a ilusão de completude na qual o desejo encontra sua causa. Velhos que buscam negar as marcas do tempo aderindo às inovações do mercado, criando em seu corpo e tornando-se verdadeiras próteses, que só fazem apagar as diferenças constituintes de nós mesmos, nossa singularidade. Estes corpos, valorizados são expostos como troféus na sociedade, para todos verem, como é possível ser velho e ainda ser jovem.

### **5.3 A sexualidade no cenário do prazer sem limites**

A sexualidade foi alvo de muitos estudos psicanalíticos, mas neste trabalho nos deteremos a fazer apenas um apanhado geral destas idéias para podermos pensar a respeito deste aspecto na velhice.

Freud foi pioneiro no estudo sobre a sexualidade e postulou que a mesma não tem idade, que a sexualidade adulta é a sexualidade infantil, estando presente ao longo de toda a vida do sujeito. Com Lacan, Mucida nos diz que a sexualidade “apresenta-se pela relação que cada sujeito tem com o objeto de seu desejo”<sup>50</sup>. Como pudemos ver no capítulo 3, este objeto de desejo que perseguimos durante nossa vida toda é originado daquilo que nos falta, e simultaneamente é aquilo que vem no lugar dessa falta sem nunca preenchê-la.

Com isto dito, podemos entender que a sexualidade marca a nossa relação com os objetos, na busca de satisfação e completude. É esta falta estrutural que nos faz desejar, que nos coloca em movimento em busca de outros laços, outros investimentos, outros objetos substitutivos.

Porém, assim como os outros aspectos tratados até então, também a sexualidade deve ser entendida dentro do contexto sócio-cultural-histórico no qual está inserida, neste caso, na cultura do novo, da juventude, da beleza, do prazer sem limites. Aí temos uma contradição já que a sexualidade é pautada por uma falta necessária à relação com os

---

<sup>50</sup> MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006, p.157

objetos e o imperativo cultural, por outro lado, nega esta falta tentando preenchê-la com os produtos à venda no mercado.

Dentro deste panorama, os velhos encontram um desafio no que se refere à vivência de satisfação possível diante dos limites corporais e psíquicos que o real e o tempo lhes colocam em cena. A castração se atualiza neste momento da vida e presencia-se um momento onde muitas perdas são sentidas: de amigos, familiares, parentes, de vigor físico, potência, utilidade. Quando a sociedade lhes impõe um prazer sem limites, e mais ainda, cobra desempenho, agilidade, velocidade, os velhos se vêem diante de um grande obstáculo, e sua sexualidade torna-se símbolo daquilo que não funciona mais.

Geralmente, a sexualidade na velhice é silenciada, denegrida ou mesmo tratada como piada e Mucida nos remete à idéia de que isso acontece por nos voltar para a sexualidade de nossos pais:

Da mesma forma que a criança ao deparar com a sexualidade dos pais responde num segundo momento pela degradação e depreciação, o mesmo ocorre com a depreciação que acompanha os comentários sobre a sexualidade dos idosos. Nessa depreciação subsiste ainda o fantasma da impotência e de um corpo que não provocaria mais o desejo”.<sup>51</sup>

Ela prossegue discutindo o deslocamento da impotência a que todos estamos submetidos para a sexualidade apenas do velho, que tem os limites escancarados no corpo. Diante desta angústia que a impotência nos revela, resta a piada como tratamento possível, e desta maneira a sexualidade na velhice entra no discurso social também por esta via.

Outra questão que se coloca a respeito da sexualidade na velhice é o fato da perda do desejo. Entretanto, não é a idade que delimita a perda do desejo, nem tampouco a quantidade ou ausência de relações sexuais. Na velhice, a sexualidade pode encontrar caminhos diversos nos quais o desejo, que não morre, inscreve-se de várias formas.

Mesmo com o caráter indestrutível do desejo, quando falamos de sexualidade logo pensamos no ato sexual em si, que também tem especificidades ao longo dos anos. Na adolescência é a via pela qual o menino se define homem em nossa sociedade. Neste

---

<sup>51</sup> Ibidem, p. 160.

momento o que importa é a quantidade de orgasmos, de mulheres, de lugares que se faz sexo. Na velhice, em contrapartida, os limites corporais exigem um trabalho de luto pelo que se foi, pelo que se podia e não pode mais, e o sujeito precisa se adaptar e criar novas condições para usufruir da relação sexual. Nesta medida, podemos encontrar muitos homens que enfrentam uma impotência diante desta relação, e na cultura essencialmente fálica que vivemos, este fracasso é compensado pelas pílulas milagrosas.

Uma pesquisa realizada pelo Datafolha mostrou que quase metade dos idosos ouvidos (47%) declara ter relações sexuais. Mesmo na faixa dos maiores de 75, 24% se revelaram sexualmente ativos. Entretanto, 88% dos homens pesquisados admitem nunca ter usado nenhum remédio para estimular o sexo, embora tenham apresentado mudança em seu desempenho ao longo dos anos. Segundo o colunista do jornal Folha de São Paulo Wilson Jacob Filho “Em qualquer faixa etária é previsível uma dose de exagero ou, digamos, de inverdades sobre o desempenho sexual”.<sup>52</sup> A isto ele relaciona a tendência machista da sociedade do homem ter que ser sempre viril e a dificuldade de relação sexual se acopla a idéia de incompetência.

Podemos ler esta afirmação a partir do que discutimos até então, sobre a sociedade de consumo, do imperativo do novo, de total prazer, preenchimento, sendo que somos seres faltantes por constituição. Como já vimos no Capítulo 3, o Complexo de Édipo vai caracterizar a entrada de um terceiro na relação dual mãe-bebê, no caso o pai, detentor do falo, e, portanto do que falta à mãe. O que Wilson quis dizer com esta exigência machista da sociedade, pode ser entendido como uma exigência fálica, de ser sempre completo, do homem não poder se separar desta sua imagem idealizada de detentor daquilo que falta ao outro.

O homem que não mais consegue manter relações sexuais com a esposa, de alguma maneira perde seu lugar simbólico na relação para adquirir um outro, que será determinado dependendo da relação. A complexidade deste momento é vivida por cada sujeito de maneira peculiar, bem como os outros aspectos que vimos até então, entretanto, é necessário, neste caso, realizar um trabalho de luto a respeito desta perda, da potência que se tinha e não tem mais, e então poder investir em outros objetos substitutivos.

---

<sup>52</sup> Jornal Folha de São Paulo. 15 de Março de 2009. Caderno Especial: Maioridade, p 10.

O mesmo movimento pode ser observado na mulher quando da menopausa, que influi diretamente na sexualidade, e pode interferir na relação sexual que ela mantém ou não com o parceiro, como veremos a seguir.

#### **5.4 A menopausa e os efeitos no psiquismo**

Assim como foi dito a respeito da imagem corporal, a idéia de menopausa e as maneiras para lidar com ela são novas na sociedade. Nos séculos passados a expectativa de vida era muito menor, beirando os 50 anos de idade, e com isso, quando as mulheres entravam no período de menopausa, não lhes restava muito tempo de vida. Isso não quer dizer que algumas mulheres não chegassem, nessa época, à idades mais avançadas. Entretanto, com o progresso da tecnologia e da medicina, a expectativa de vida aumentou consideravelmente, beirando os 80 anos, e uma mulher que entra na menopausa ainda tem, em média, 30 anos de vida pela frente.

Sendo assim, a menopausa tornou-se, em alguns países, um problema social, com o qual a sociedade tem que se preocupar. Ao mesmo tempo, Lasnik nos revela que a menopausa é um assunto bastante denegado pelos psicanalistas, sendo alvo de poucos estudos, em comparação com a quantidade de pesquisas relacionadas à sexualidade feminina e à maternidade. Ao fazerem esta escolha, diz ela, os pesquisadores alegam que o assunto é médico e não analítico.

Tal posicionamento com relação à menopausa remete a uma desvalorização que também acontece com a velhice na sociedade atual. Ela também é vista como doença, já que escancara os efeitos do tempo que passa e os limites da castração a que estamos todos submetidos e, desta maneira, deve ser silenciada e controlada. É o que podemos observar em inúmeros tratamentos de reposição hormonal, sem o qual a mulher menopausada é vista como frágil, vulnerável, assexuada.

Mais uma vez, assistimos ao apagamento do sujeito e sua diferença, em função de uma universalidade. O corpo é visto como doença, e não como corpo habitado por um sujeito singular. Os tratamentos visam controlar e silenciar aquilo que insiste em se inscrever apesar das promessas milagrosas dos infinitos objetos disponíveis no mercado.

Neste sentido é possível perceber que estes objetos que prometem milagres são absolutamente ilusórios, na medida em que não fazem parar as inscrições do tempo sobre o sujeito.

Na mesma direção, a menopausa geralmente é associada à perda de libido e à velhice, apesar do tempo que as separa. Entretanto, é possível encontrar nestes dois momentos aspectos semelhantes no que diz respeito aos efeitos que produzem no psiquismo dos sujeitos, principalmente relacionados ao tempo, à finitude e à morte.

Para chegarmos a este ponto, é preciso pensar nas possíveis representações da menstruação ao longo da vida dos sujeitos. Sobre isso, Lasnik nos conta que :

É difícil abordar a menopausa sem falar dos mênstruos, que sempre, qualquer que seja a civilização, inquietaram. O sangue menstrual possui poderes maléficos e a menopausa é vivida, em muitas culturas, como o fim do processo de eliminação desse sangue demoníaco. Quando este não pode ser eliminado, não está distante a idéia de que uma mulher possa se tornar bruxa.<sup>53</sup>

A autora prossegue sua reflexão dizendo que as mulheres são vistas como perigosas durante seu período menstrual, agindo como se estivessem habitadas por uma tempestade biológica. Ela então conta um fato curioso de que mais de três quartos das violações acontecem nestas épocas relacionando com o aumento do desejo sexual, do calor e do ardor lúbrico.

A menstruação se caracteriza por um sangramento mensal da vida das mulheres que pode ser vivido como um incômodo ou um privilégio, dependendo da maneira com que o sujeito se relaciona com este significante. Entretanto, é possível dizer que a menstruação assegura uma diferenciação sexual básica entre homens e mulheres, além de manter relações com as representações da feminilidade, da sexualidade e da fecundidade.

A menstruação assume o papel de ser um traço da identidade feminina, associado à capacidade de gerar um filho, de desejar e ser desejada, enfim, de ocupar uma posição fálica na relação com os outros.

---

<sup>53</sup> LASNIK, Marie-Christine. *O Complexo de Jocasta: feminilidade e sexualidade sob o prisma da menopausa*. Companhia de Freud. Rio de Janeiro, 2003. P.28.

Lasnik retoma Freud para discutir esta questão, citando:

Mais tarde, quando a criança retoma os problemas da origem e do nascimento dos bebês, e advinha que apenas as mulheres podem dar-lhes nascimento, somente então a mãe perde seu pênis. E, juntamente, são construídas teorias bastante complicadas para explicar a troca do pênis por um bebê.<sup>54</sup>

Esta afirmação é muito importante para podermos entender a representação da menopausa pode ter no psiquismo da mulher. A capacidade de reproduzir, de parir um filho é a condição que outorga à mulher um papel de importância, de potência, de preenchimento.

Nesta medida, quando a menstruação cessa, cessa também esta capacidade de reprodução da mulher, e, portanto, todos os significantes acoplados a este lugar ocupado até então pelo sujeito têm que ser reorganizados. Segundo Maria Langer: “a perda da capacidade de parir suscita um verdadeiro desamparo (...) A menstruação, apesar dos males, é a garantia de uma identidade feminina possível e de uma maternidade sempre potencial”<sup>55</sup>. Nesta medida, se a mulher tinha a menstruação como única fonte de identificação ao feminino, sua eliminação provocará efeitos devastadores no psiquismo.

Lasnik acrescenta que é preciso diferenciar o desejo de ficar grávida e o de ter um filho. Mesmo que uma mulher tenha decidido conscientemente que não queira ter filhos, na sua cabeça sempre permanece a possibilidade de gerá-lo, até que a menopausa venha destruir esta esperança de juventude eterna. Para ilustrar, ela nos conta alguns casos de mulheres que, ao sinal de interrupção da menstruação, conceberam uma gravidez imaginária que, ao ser descartada pelo ginecologista, produziram um efeito depressivo nestas mulheres.

Isto porque, segundo a mesma autora:

---

<sup>54</sup> FREUD, S. (1923) *apud* LASNIK, Marie-Christine. *O Complexo de Jocasta: feminilidade e sexualidade sob o prisma da menopausa*. Companhia de Freud. Rio de Janeiro, 2003. P.34.

<sup>55</sup> LANGER, Maria *apud* LASNIK, Marie-Christine. *O Complexo de Jocasta: feminilidade e sexualidade sob o prisma da menopausa*. Companhia de Freud. Rio de Janeiro, 2003. P.34.

A capacidade de procriar – enquanto existe na mulher – constitui fantasmaticamente obstáculo à morte. Uma vez perdida essa capacidade, nada mais detém a fuga do tempo na direção da aniquilação final, pouco importando para o inconsciente quantas décadas ainda há de viver.<sup>56</sup>

De qualquer forma, é necessário poder entender estes momentos de mudança dentro da história particular de cada sujeito, na sua maneira própria de lidar com seu objeto de desejo, com a castração e o trabalho de luto que faz para se acomodar às mudanças que o tempo impõe.

Ao mesmo tempo em que podemos ver mulheres extremamente deprimidas com a impossibilidade de gerar um filho, por não menstruarem mais e não se sentirem mais mulheres, podemos também perceber mulheres que sentem neste momento um alívio, um momento de liberdade para viver a sexualidade da maneira que bem entendem, sem a pressão a que eram submetidas pelos maridos.

Como já dissemos todos estes aspectos trabalhados em itens, representam significantes, que só adquirem sentido dentro da cadeia de significantes que cada sujeito vai construindo ao longo de suas vidas. Portanto, para cada um, o efeito será diferente, único, tal como somos cada um de nós sujeitos singulares. Não podemos então, falar de uma sexualidade, menopausa, aposentadoria universais, iguais para todos. Entretanto, tais significantes mantêm uma relação de semelhança no sentido de que marcam e revelam aspectos dos quais não podemos nos livrar, que são as marcas do real, do tempo, da finitude, da morte.

Desta maneira, se faz importante enfrentar e elaborar este real que aparece e marca os limites para o sujeito, pela via simbólica, para que possa haver significação possível, para que estes significantes que se revelam com mais evidência na velhice, possam integrar a história de uma vida inteira.

E neste sentido que se coloca um desafio, já que, como vimos, a cultura atual não permite que este trabalho de luto aconteça. Tudo é medicado. Não há tempo para a tristeza, para o silêncio, para a reflexão, para falar do passado, se emocionar e fazer planos para o futuro. A cultura do novo silencia o que lhe faz limite, mas não consegue fazer tais marcas

---

<sup>56</sup>LASNIK, Marie-Christine. *O Complexo de Jocasta: feminilidade e sexualidade sob o prisma da menopausa*. Companhia de Freud. Rio de Janeiro, 2003. P.22.

pararem de se inscrever. E aí que se colocam as questões: Como é feito? Como fazer? Como ouvir estas questões que não cessam de aparecer?

No próximo capítulo iremos pensar, a partir de alguns exemplos práticos, a relação dos sujeitos com estes discursos sociais, como todas estas questões estão ecoando no discurso dos velhos que frequentam atividades fora de casa e das pessoas que se propõe a trabalhar com esta população.

## **6 DISCUSSÃO**

Neste capítulo iremos abordar algumas situações que acontecem no contexto do trabalho com idosos, para podermos refletir em que medida estas situações se relacionam com a idéia que se faz do velho, da sexualidade, da menopausa, da aposentadoria na sociedade atual, e igualmente como cada um tem uma maneira própria de lidar com o envelhecer.

As situações relatadas no presente capítulo dizem respeito a observações realizadas durante algumas experiências de estágio da faculdade de psicologia com a população idosa, das quais tive a oportunidade de participar.

Os fragmentos aqui descritos não se relacionam com um discurso único, feito por um sujeito específico, e sim a discursos que fui podendo observar que apareciam em diversos sujeitos, demonstrando uma semelhança nos assuntos, na postura e na maneira de se relacionar com as questões do envelhecimento. Portanto, não se faz aqui uma análise de nenhum discurso, apenas pretende-se percorrer algumas falas comuns desta população e daqueles que trabalham com ela.

### **6.1 Velho eu? De que velho estamos falando?**

Foi freqüente ouvir relatos de velhos se queixando de sua idade, de que o tempo passa rápido demais, pois se sentem ainda moços, reclamando que não queriam ser chamados de senhor ou senhora, pois não se identificavam com esta categoria. Sentiam-se vivos e ativos para continuar fazendo planos, freqüentando atividades, criando laços. Ao mesmo tempo, aos 80 e poucos anos, diziam que velhos eram seus pais, como se a velhice não fosse um destino possível de ser traçado.

Como discutimos ao longo do trabalho, a velhice se caracteriza por ser um destino singular a ser traçado por cada sujeito e integrado na história de uma vida inteira. Não há uma velhice natural, única, universal, algo que podemos falar e se relacione a todos os sujeitos.

O que podemos traçar de ponto em comum entre todos é que o tempo que passa não cessa de inscrever marcas no psiquismo do sujeito, que tem que se haver com elas e se adaptar, rearranjar-se, aceitar sair de algumas posições para adquirir outros papéis. Fazer um trabalho de luto do que se foi e não se é mais, daquilo que se tinha e não se tem mais, para poder seguir vivendo.

Neste percurso, estão contidas as marcas construídas e investidas em nós por um Outro e por outros ao longo da vida toda. A maneira como cada um irá vivenciar sua velhice tem relação com a maneira que enfrentou as situações durante toda a sua caminhada, de que posição o sujeito fala a partir da castração e como se relaciona e se identifica com os outros e com os objetos em busca de satisfação.

Na velhice, entretanto, o desejo que busca ser satisfeito encontra barreiras muito concretas, limitações não antes vivenciadas, como o vigor físico, a beleza do corpo e da imagem, o tempo restante de vida, que não acontece com tanta evidência em outras fases da vida. As perdas são frequentemente sentidas como abalos ao psiquismo, principalmente quando aquele objeto perdido ocupava um lugar central na dinâmica psíquica do sujeito.

Existe uma diferença na maneira como cada um se coloca diante deste processo de envelhecimento. Muitos não se reconheciam velhos, diziam ainda ter muita coisa para realizar, sonhar, acreditar, construir, demonstrando o caráter indestrutível do desejo, sempre em busca de novos objetos que lhe dêem satisfação. Outros comentavam como se achavam diferentes depois de perder um emprego, perder familiares, amigos, vigor físico, cair, ficarem doentes.

Algumas mulheres relatavam estar passando por uma fase de extremo sofrimento, pois depois da perda do marido não viam mais razão em muitas coisas que antes faziam. Por outro lado, outras relatavam estarem aliviadas, pois na época haviam casado à força e não puderam usufruir em nada a companhia do parceiro. A perda destes homens também suscitava reações que alternavam a ausência dos familiares depois disso, ou então a aproximação dos mesmos.

## 6.2 O envelhecimento feliz, saudável e os 10 mandamentos da “melhor idade”

Ao mesmo tempo em que a velhice é entendida como um processo singular, que terá um sentido único na cadeia discursiva de cada sujeito, é possível perceber na sociedade um ideal, que em nada se relaciona com os aspectos trazidos à tona pela velhice. O ideal de beleza, juventude, rapidez, agilidade, na verdade vão na contra-mão da velhice. Neste panorama, o velho fica um sujeito sem lugar.

Mais do que deslocado, o velho é excluído, por fazer furo à satisfação plena e ao prazer sem limites. O que a velhice escancara é exatamente aquilo que a cultura quer esconder, negar: a finitude e a morte. Em lugar dessa afirmativa, são colocadas as promessas de juventude eterna, sempre ilusórias, mas com a qual o sujeito busca se agarrar. Ai encontram-se os remédios milagrosos, os exercícios exagerados, a exigência de ter que sempre fazer, fazer, fazer. A felicidade, a beleza, a rapidez, o movimento são valorizados. Não há tempo para tristeza, para refletir e fazer o necessário trabalho de luto do que se foi. Não é possível o silêncio, a livre expressão.

Os sujeitos identificam-se com este modelo de vida e transformam-se em verdadeiros estereótipos humanos. Plásticas para apagar as marcas do tempo, atividades mil para ocupar o tempo e a cabeça vazios, pílulas milagrosas para melhor desempenho nas atividades, enfim, fantoches humanos, que abdicam de sua singularidade para tornarem-se membros de uma comunidade. Comunidade esta que não se relaciona entre si, que cultua o tipo de relação mais vazia e transitória possível entre os sujeitos, que não considera a alteridade, o outro, a história, o particular.

Foi possível observar uma grande identificação com esta imagem do idoso que precisa estar sempre ativo, realizando diversas atividades em diversos locais, enfim, circulando, fazendo, fazendo, fazendo. Quando tinham espaço para falar, era freqüente ouvir um discurso relacionado à felicidade, à beleza, às atividades que realizavam uma diferente da outra, e de como se sentiam preenchidos por elas.

Era comum também ouvir a respeito da “melhor idade” na qual se encontravam e surpreendentemente, quase todos se identificavam com isso, dizendo que apenas agora tinham podido aproveitar o que a vida tinha de melhor, as festas, bailes, atividades.

Relacionavam isso com a idéia de não se sentirem velhos, ao contrário, sentirem-se muito jovens, prontos para realizar qualquer coisa.

Além dos próprios velhos não se sentirem velhos, e terem a necessidade de provar sua juventude, os técnicos que com eles trabalham muitas vezes adotavam uma postura de negar a velhice, num movimento de chamar todos de moçinhas, bonitinhos, dizer que no recinto só tinham jovens, etc.

O controle social aparece fortemente nos 10 mandamentos da “melhor idade”, que prega os princípios a serem seguidos por aqueles que dela fazem parte. Em cada item, é possível perceber a presença da cultura do novo, dessa exigência que discutimos acima:

- 1- Cuidar da aparência
- 2- Não se trancar em casa. Não se julgar prisioneiro da própria casa.
- 3- Amar o exercício como a si mesmo.
- 4- Evitar gestos e atividades de velho derrubado.
- 5- Não falar de sua velhice nem se queixar.
- 6- Cultivar o positivo sobre todas as forças.
- 7- Tenha a idade que sua mente lhe permitir.
- 8- Ser útil a si mesmo e aos demais. Não se sentir um parasita.
- 9- Trabalhar com suas mãos e mente.
- 10- Manter vivas as relações humanas.

Todos estes mandamentos demonstram a imagem positiva que o velho deve fazer de si mesmo para os outros. Mas encobre, entretanto, o controle social a que estão submetidos. O tom das frases coloca este controle acima de tudo, como uma imposição a qual todos devem seguir. Como pode ser visto, não há espaço para ser você mesmo, para lidar com a velhice e as marcas que ela traz à sua maneira. É preciso amar o exercício, sair de casa, cuidar da aparência, ser útil a todos, não se queixar nem falar da velhice, enfim, não ser velho.

Esta imagem de um velho que não se mostra velho parece fundamental para que os sujeitos encontrem nesta fase da vida um traço com o qual é possível se identificar, que não evoque a decrepitude, a morte. Por outro lado, as marcas do tempo, do real sobre o sujeito,

que não cessam de se inscrever não tem via possível de elaboração pelo simbólico. Se não se pode falar da velhice, nem se queixar, podemos falar do que quando estamos tristes, aborrecidos e sem ânimo para falar de felicidade?

Vemos muitos idosos evocarem seu passado para poder compreender o presente, para poder investir no futuro, em planos, sonhos, objetos de satisfação. Falam de quando eram jovens, o que faziam, o que representavam, o que sonhavam para o futuro. Falar do passado pode ser uma via que possibilita o investimento no presente, que movimento o sujeito em busca do ideal. Entretanto, se torna um problema se essa se torna a única forma de enlaçamento do sujeito com a realidade.

Falar do passado muitas vezes também é negado socialmente, principalmente quando este passado traz em si aspectos traumáticos, sofridos, que evoquem nos outros sua própria tristeza, impotência e desamparo. Entretanto, como sabemos, falar de si é uma maneira de poder entrar em contato com o sofrimento e achar uma significação para ele, de elaborar o que incomoda e assim ter uma melhor convivência, ou melhor, uma outra convivência.

Se não há espaço para os sujeitos falarem de si, de suas questões singulares, seus medos, anseios, angústias e planos, então nos deparamos com um cenário de aprisionamento, onde não se pode ser o que se é, apenas o que é exigido socialmente. No caso da velhice em nossa sociedade, estamos diante disto. Não há espaço para fazer um trabalho de luto sobre o que se foi, sobre as transformações. Não há espaço para falar de angústias, medos, de como é difícil envelhecer e vislumbrar apenas a morte em sua frente.

Nossa sociedade tapa os olhos diante da morte que amedronta, exclui aqueles que fazem lembrar que o sofrimento existe. Os sujeitos são “vendados”, para viverem cegos diante de todas as marcas que o real vem inscrever no sujeito. “Vendados” para não precisarem olhar para aquilo no que se tornaram, seu corpo, sua imagem, seus ideais. “Vendados” para poderem ser influenciados pela cultura dominante, pelo ideal social que aniquila sua singularidade.

Neste sentido, este trabalho procurou “desvendar” a velhice. “Desvendar” no sentido metafórico, tirar as vendas da velhice. Tirar as vendas e poder enxergar o que realmente está por trás de um sujeito velho, que é mais do que uma vovó fazendo bolos, ou uma senhora sem rugas que frequenta bailes e academia, mais do que uma menopausa que

impossibilita a identificação com a feminilidade, mais do que um aposentado que não tem mais utilidade para trilhar novos caminhos.

Por trás das vendas da velhice existe um sujeito, que viveu uma vida de uma maneira única, que se relaciona com as coisas a partir de suas experiências iniciais, relacionadas à castração e à busca de completude com um objeto que satisfaça. Que trilhou um caminho no qual cada situação, cada vivência possui um sentido também único. E, que, na velhice, devido às perdas e quedas de lugares que vivencia, ou pode vivenciar, necessita de um acolhimento especial, um acolhimento que lhe assegure sua subjetividade, lhe assegure novamente um lugar, e onde possa falar de si, elaborar perdas, angústias e traumas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de toda discussão realizada no capítulo anterior, é necessário, neste momento, traçar alguns questionamentos, algumas direções para o trabalho com o tema, da maneira como fomos encaminhando a discussão até então.

Parece-nos interessante primeiramente pensar a respeito da questão do trabalho de luto. Na velhice, como pudemos ver, é necessário realizar uma série de lutos, elaborar uma série de perdas que se evidenciam neste momento. Entretanto, não há espaço na sociedade para que isto aconteça. Pelo contrário, pelos exemplos dados, falar de si, deste momento da vida é terrorífico para os demais. Parece muito mais interessante, entretanto, conseguir acolher estes sujeitos em suas singularidades, poder dar voz ao seu sofrimento, poder traçar com eles, alguma via de simbolização.

A questão que se coloca é de que maneira podemos mudar este imaginário social? De que forma conseguimos transformar a visão que se faz do velho, e conseqüentemente que fazemos de nós mesmo, quando velhos, ou enquanto velhos?

Numa cultura onde até o silêncio é medicado, de que maneira podemos ser nós mesmos? Como lidar com aquilo que é próprio de cada um nesta sociedade dominadora? Como nos inserimos nesta sociedade guardando fidelidade com aquilo que fomos, que somos e seremos? Como traçar um destino singular?

Como fazer para que a morte não nos paralise, que sua certeza não nos impeça de seguir vivendo? Como lidar com pessoas tão próximas da morte e poder encarar que este é um destino aceitável?

Estas e outras questões suscitadas por este trabalho permanecem para serem discutidas em diversos âmbitos que se interessam e se relacionam com a temática do envelhecimento. Cabe talvez a um próximo trabalho um estudo a respeito destas questões que ainda permanecem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cartilha do Idoso: mitos e verdades sobre a velhice: guia de serviços. São Paulo, SMADS, 2006

DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Ed. Artes Médicas. 3ª Edição. Porto Alegre, 1989.

FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1998.

FRAIMAN, Ana Perwin (1994) *Sexo e Afeto na terceira idade*. Ed. Gente. São Paulo, 1994.

GOLDFARB, Delia Catullo. *Corpo, tempo e envelhecimento*. Tese de Mestrado – Faculdade de Psicologia. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

Jornal Folha de São Paulo. 15 de Março de 2009. Caderno Especial: Maioridade.

LASNIK, Marie-Christine. *O Complexo de Jocasta: feminilidade e sexualidade sob o prisma da menopausa*. Companhia de Freud. Rio de Janeiro, 2003.

MESSY, Jack. *A Pessoa Idosa não existe*. Aleph. 2ª Edição. São Paulo, 1999.

MUCIDA, Angela. *O Sujeito não envelhece*. Autentica. Belo Horizonte, 2006

WINNICOTT, Donald W. *Os bebês e suas mães*. Ed. Martins Fontes. 2ª Edição. São Paulo, 1999.